

**UNIVERSIDADE ALTO VALE DO RIO DO PEIXE – UNIARP
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

NOELI ANGÉLICA ANDRADE NEIS

**DESTERRO, CURITIBA E PARANAGUÁ NÃO TERÃO FUTURO: TINHA
AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE RAZÃO?**

**CAÇADOR
2014**

NOELI ANGÉLICA ANDRADE NEIS

**DESTERRO, CURITIBA E PARANAGUÁ NÃO TERÃO FUTURO: TINHA
AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE RAZÃO?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para a obtenção do título de Licenciatura em História, do Curso de História, ministrado pela Universidade Alto Vale do Rio do Peixe - UNIARP, sob orientação do Professor Dr. Mário C. Brinhosa.

**CAÇADOR
2014**

**DESTERRO, CURITIBA E PARANAGUÁ NÃO TERÃO FUTURO: TINHA
AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE RAZÃO?**

NOELI ANGÉLICA ANDRADE NEIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi submetido ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para a obtenção do Título de:

Licenciatura em História

E aprovado na sua versão final em ___/___/_____, com nota _____, atendendo às normas da legislação vigente da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP e sob a Coordenação do Curso de Administração.

Sonia de Fátima Gonçalves
Coordenadora do Curso de História

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Mário C. Brinhosa – Presidente da Banca

Prof. ... – Membro

Prof. ... – Membro

Dedico esta pesquisa ao meu sogro **Dalcir Joaquim Neis** que partiu e deixou seu exemplo de luta e dedicação para que hoje eu escrevesse a minha história.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a **Deus** pela vida, pelo dom e capacitação a mim concedida.

Agradecer a minha família pela compreensão quanto aos momentos ausentes e dificuldades que passamos juntos nessa caminhada. E em especial a minha sogra **Reny Ribeiro Neis** que me incentivou e acreditou no meu sonho.

Ao meu esposo **Fábio**, filhos **Ana Karoliny e Júnior**. Aos meus pais **Luzardo e Izabel**. Aos professores, mestres que nos orientaram com suas experiências. E em especial ao Mestre **Mário C. Brinhosa** que não mediu esforço nas orientações, auxiliando-me com materiais para que o projeto da minha vida fosse realizado.

“O Futuro dependerá daquilo que fazemos no presente” (Mahatma Gandhi).

RESUMO

O presente trabalho tem como referência o autor Auguste de Saint-Hilaire que afirma: Curitiba podia, pois, ser considerada como a única cidade no interior que, a partir de São Paulo, mantinha contato frequente e direto com o litoral; sua situação era exatamente favorável ao comércio, e não há menor dúvida de que ela se tornaria uma cidade muito florescente se a estrada que atravessa a Serra de Paranaguá não fosse tão acidentada. Com efeito, como veremos mais adiante, poucas estradas são tão horríveis como era essa à época de minha viagem. Pois nessa época não havia as estradas de ferro, as quais mais tarde contribuíram para a economia de tais cidades (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 72). A partir desta premissa do autor supracitado, tem por objetivo mostrar o desenvolvimento das cidades de Paranaguá e Curitiba no estado do Paraná, e no litoral de Santa Catarina, São Francisco, Laguna, Desterro, atual Florianópolis, capital do Estado, frente às afirmações de Auguste de Saint-Hilaire nos seus estudos entre os anos de 1816 a 1822. Detalhando o processo em que tais cidades se desenvolveram ao longo dos anos, e como são atrativas e ligadas por vias rodoviárias, aéreas e marítimas ao mundo.

ABSTRACT

The present work has as a reference the author Auguste de Saint-Hilaire which states: Curitiba could therefore be considered as the only town in the interior, from Sao Paulo, had frequent and direct contact with the coast; Their situation was exactly conducive to trade, and there is no doubt that she would become a very thriving city is the road that crosses the Sierra de Paranaguá was not so bumpy. Indeed, as we shall see, few roads are so horrible as this was the time of my trip. Since that time there were railroads, which later contributed to the economy of these cities (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 72). From this premise the above author, aims to show the development of the cities of Curitiba and Paranaguá in Paraná state, and the coast of Santa Catarina, São Francisco, Laguna, Exile, currently Florianópolis, the state capital, against the claims of Auguste de Saint-Hilaire in their studies between the years 1816-1822. Detailing the process in which these cities have developed over the years, and how are they linked and attractive road, air and sea routes to the world.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 CAPÍTULO - DA TESE A SUA NEGAÇÃO.....	10
2 CAPÍTULO – AS CIDADES E A SUA SUPERAÇÃO HISTÓRICA.....	36
2.1 PARANAGUÁ.....	36
2.2 CURITIBA.....	40
2.3 SÃO FRANCISCO.....	42
2.4 DESTERRO, ATUAL FLORIANÓPOLIS.....	45
2.5 LAGUNA.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	65

INTRODUÇÃO

Para haver o desenvolvimento urbano é necessário que ocorra um aglomerado geográfico, sociológico, econômico e urbanístico. Por ocasião do descobrimento do Brasil um cenário de regiões habitadas por povos, com certo grau de desenvolvimento econômico e cultural, foi encontrado e posteriormente aperfeiçoado, permitindo a construção das cidades.

Como a urbanização no Brasil ocorreu em diferentes áreas e em diferentes períodos do tempo, tendo início com a chegada dos portugueses, foi durante o século XX que sofreu um processo profundo de urbanização, passando de uma sociedade rural para uma sociedade urbana. Sendo que os Estados de Santa Catarina e Paraná não ficaram de fora desse processo de desenvolvimento.

Em sua visita ao Brasil e em especial à região Sul, o botânico Auguste de Saint-Hilaire (1978) afirmou nunca ter visto lugares tão atrativos, com pessoas tão receptivas. Contudo, as referidas cidades não se desenvolveriam devido ao difícil acesso, prejudicando o comércio, a agricultura e o transporte de grãos. Tudo foi calculado com precisão, e como nada é por acaso as cidades passaram por transformações que foram dando nome e cor, o que na visão de Saint-Hilaire (1978) não seria possível, estando até mesmo fadadas ao desaparecimento.

Com essa perspectiva, este trabalho tem como objetivo mostrar o desenvolvimento das cidades de Paranaguá e Curitiba no estado do Paraná, e no litoral de Santa Catarina as de São Francisco, Laguna, Desterro (atual Florianópolis), frente às afirmações de Auguste de Saint-Hilaire nos seus estudos entre os anos de 1816 a 1822.

1 CAPÍTULO

DA TESE A SUA NEGAÇÃO

O presente trabalho tem como referência o autor Auguste de Saint-Hilaire¹ que afirma:

Curitiba podia, pois, ser considerada como a única cidade no interior que, a partir de São Paulo, mantinha contato frequente e direto com o litoral; sua situação era exatamente favorável ao comércio, e não há menor dúvida de que ela se tornaria uma cidade muito florescente se a estrada que atravessa a Serra de Paranaguá não fosse tão acidentada. Com efeito, como veremos mais adiante, poucas estradas são tão horríveis como era essa à época de minha viagem. Pois nessa época não havia as estradas de ferro, as quais mais tarde contribuíram para a economia de tais cidades (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 72).

A partir desta premissa do autor supracitado, pretendo com base histórica contestar suas afirmativas.

As formações urbanas brasileiras devem ser objeto de interesse científico; que não constituem um conjunto de dados aleatórios, mas é parte de uma estrutura dinâmica- a rede urbana- que deve ser compreendida, quando se almeja o conhecimento daquelas. Que essa estrutura está sujeita a um processo de origem social –processo de urbanização- que determina daquelas formações, cuja explicação exige o conhecimento do sistema social da Colônia, no qual se desenvolve, e da política de colonização portuguesa, no seu sentido mais amplo (REIS FILHO, 1968, p.15).

Segundo Weber² a teoria sobre a origem da cidade procura demonstrar a origem social do fato urbano, como um todo organizado, em termos de comunidade, envolvendo aspectos econômicos, sociais, políticos administrativos, militares,

¹ AUGUSTE de Saint-Hilaire, botânico francês em suas viagens percorreu os estados brasileiros, venceu o cansaço e as privações, dormiu em ranchos cobertos de palhas, habituou-se a redes, transformou mala em cadeira, perdeu o medo de mosquitos e animais selvagens. Pelos seus colaboradores era tratado de tenente-coronel, pelos sertanejos era visto como médico. Em suas viagens observou diversos aspectos: geografia, estatística, agricultura, comércio, arte, vida religiosa, administrativa e judiciária, costumes, usos da gente civilizada e dos índios. Escreveu sobre nossa flora, "Plantas usuais do povo do Brasil Meridional". Saint- Hilaire volta para a França em 1822, depois de ter sido envenenado por mel de vespa. Faleceu em 1853 aos 74 anos.

² WEBER: Foi um economista e sociólogo alemão, e é considerado atualmente um dos fundadores do estudo moderno da sociologia e administração pública. Começou sua carreira na Universidade de Berlin, e depois passou para várias outras instituições. Teve grande influência política na Alemanha, sendo um dos negociadores de seu país no Tratado de Versalhes, e membro da comissão que criou a Weimar Constitution, a Constituição do Estado Alemão. Ele foi o responsável pela inserção do Artigo 48 nesta constituição, que mais tarde foi usado por Adolf Hitler para reprimir a oposição e conseguir poderes ditatoriais. Até hoje as contribuições de Weber para a política alemã continuam controversas.

demográficos, psicológicos. Vivemos essa teoria.

Podemos entender que a civilização acontece a partir do momento que ocorre a necessidade de agrupamentos de pessoas com a finalidade de procurar outros tipos de alimentos, e então formar grupos de sobrevivência, tal como afirma Engels:

Os homens viviam, pelo menos parcialmente nas árvores, única forma de explicar sua sobrevivência no meio de grandes feras. Permaneciam em seus locais de origem, nas florestas tropicais e subtropicais. Frutos, nozes e raízes serviam de alimento (...) embora esse período tenha durado provavelmente muitos milênios, não podemos demonstrar sua existência com base em testemunhos diretos (ENGELS, p.36).³

Aplica-se o termo civilização para designar uma ampla cultura que possui um agrupamento de culturas menores. Sem os cursos d'água seria inviável permanecer no mesmo lugar por tempo indeterminado. E para plantar e criar animais o estabelecimento em moradias fixas por um maior período foi necessário, abandonando de certa forma o nomadismo. Tanto para a prática da agricultura quanto pecuária, a proximidade com leitos de rios foi fundamental, devido à tendência de uma fertilidade maior da terra.

Na meso-América assistimos à formação de suas civilizações: os maias e os astecas. Na região andina, os incas. No entanto é preciso observar que houve um longo processo de formação e de decadência de várias outras civilizações que procederam a essas três. Elas foram encontradas pelos espanhóis, sendo assim as últimas e não as primeiras civilizações da América pré-colombiana.

A compreensão das grandes civilizações pré-colombianas passa pela caracterização do seu modo de produção. A mais aceita é o chamado modo de produção asiático que seria a base dessas civilizações. Por modo de produção asiático entende-se um sistema caracterizado pela existência combinada de comunidades aldeãs, onde predominam formas de propriedade comum do solo, organizadas sobre a base de relações de parentesco, e de uma unidade superior – o Estado - que controlava os recursos econômicos e se apropriava diretamente de uma parte do excedente do trabalho e da produção dessas comunidades.

³ Engels, Friedrich: Origem da Família da Propriedade Privada e do Estado.

Aldeamentos⁴ neolíticos foram crescendo em números e em áreas, na sequência disso, esses aldeamentos deram origem a aglomerações urbanas. Esta concentração de pessoas em grandes povoados deram origens às primeiras cidades.

A cidade era o centro das atividades: artesanais e comerciais (o mercado), o poder político (o palácio), e o poder religioso (o templo). Nestas cidades, já a sociedade era dividida em grupos e funções distintas, ou seja, era uma sociedade estratificada no qual, cada um ocupava o lugar estabelecido pelo cargo, função desempenhada. Aí surgiram as primeiras civilizações com as suas características próprias.

Para entender como se dá o processo de bairro, primeiramente precisamos saber como surgiu a ideia de comunidade, a urbanização que foi se vinculando a vários fatores externos do Brasil também as diferentes divisões de trabalho ao longo do tempo. Também entendemos que a urbanização reflete de forma geral no desenvolvimento mundial, nacional, regional e local mais transformada em produções.

É importante entendermos que o surgimento das primeiras cidades do Crescente Fértil não ocorreu de formação homogênea, na verdade, em cada região as cidades nasceram dentro de características próprias. Entretanto, devemos levar em consideração que praticamente todas elas surgiram com uma evolução natural das aldeias tribais que havia nestas regiões. Aldeias, aliás, que se formaram a partir da sedentarização do homem. Outro fator de aproximação dos homens aos rios foram os fatores geográficos, já que boa parte do entorno do Crescente Fértil é formado por desertos.

Com o domínio da agricultura, o homem buscou fixar-se próximo às margens dos rios onde teria acesso à água potável e as terras mais férteis. Com isso a produção de alimentos, que antes eram destinadas ao consumo imediato, tornou-se muito grande, o que levou os homens a estocarem alimentos. Conseqüentemente a população começou a aumentar, pois havia alimentos para todos. Assim começaram a surgir as primeiras vilas ou aldeias e, depois, as cidades. A vida dos homens começa a deixar de ser simples para se tornar complexa. Tornando-se necessária a

⁴ Aldeamento: 1. Ato ou efeito de aldear. 2. Povoação de índios dirigida por missionários ou por autoridade leiga. 3. Alojamento de presidiários em FN, os quais ali eram recolhidos em cumprimento de sentença.

organização da sociedade que surgia.

O Rio Nilo foi de grande importância para o desenvolvimento da civilização no Egito antigo, por ser muito fértil nesta região, as comunidades locais tornaram-se sedentárias, desenvolvendo então a agricultura e as tribos que habitavam a região, passaram a se organizar de forma mais complexa, pois se tornou necessário contabilizar a produção agrícola que era produzida de forma coletiva.

Embora sabendo que as cidades surgiram na Mesopotâmia atual Iraque, e após vieram às cidades do Vale do Nilo, do Indo, da região Mediterrânea e Europa, finalmente, cidades da China e do Novo Mundo e que as primeiras cidades tenham aparecidas a mais de 3500 anos a.C., o processo de urbanização moderno teve início no século XVIII, em consequência da Revolução Industrial desencadeada inicialmente na Europa. No terceiro Mundo a urbanização é um fato bem recente. Hoje quase metade da população mundial vive em cidades havendo uma tendência de aumento conforme se acelera o desenvolvimento.

Nosso país começou a se formar com a vinda de europeus, principalmente dos portugueses, que trouxeram africanos para servir de mão de obra escrava. Antes da vinda dos colonizadores europeus, ou seja, antes de 1500, o Brasil não existia, mas o continente americano sim, assim como existia a parte onde fica o Brasil – a América do Sul, limitada a leste pelo Oceano Atlântico e a oeste pelo Pacífico.

Os inúmeros povos indígenas que ocupavam o continente sul-americano não conheciam o Brasil, nem a Argentina, nem o Paraguai. Para eles só existiam as tribos ou sociedades que conheciam e com quem viviam: os tupinambás, os caraíbas, os jês, os tucanos, os tupis-guaranis e outros. Ninguém era “brasileiro”, por que esse conceito não existia, assim como não existiam as fronteiras do Brasil com a Argentina, com o Uruguai, com a Bolívia. Elas foram construídas bem mais tarde.

No início do século XVI, o território brasileiro pertencia a Portugal e era bem menor do que é hoje. O restante do território pertencia à Espanha, país que colonizou as outras áreas da América do Sul, onde hoje fica o Chile, o Peru, a Argentina, o Paraguai, etc. Conquistando terras indígenas, trazendo escravos negros da África e conseguindo expandir-se para oeste em direção às terras pertencente à Espanha, mas pouco habitadas pelos espanhóis, os portugueses descendentes foram aumentando o território brasileiro.

O traço marcante de todo o continente americano e, por extensão o Brasil, com exceção apenas de partes da América do Norte, foi servir para o enriquecimento das metrópoles (as nações europeias). De fato o que alguns historiadores chamam de “sentido” da nossa colonização está nisto: ela foi organizada para fornecer ao comércio europeu açúcar, tabaco e alguns outros gêneros; mais tarde ouro e diamantes; depois algodão e em seguida café.

E isso acarretaria algumas marcas à economia e a sociedade brasileira que em alguns casos, permanecem até hoje como:

- Povoamentos mais intensos na faixa atlântica, onde se focalizam os portos;
- Utilização dos melhores solos para a produção de gêneros destinados a exportação, e não de alimentos para a população;
- Formação de uma sociedade constituída principalmente por uma minoria de altíssima renda (que mantém ligações econômicas com o exterior) e uma maioria com baixas rendas, que servem como força de trabalho barata;
- Dependência econômica em relação aos centros mundiais do capitalismo.

Assim a colonização do Brasil teve um caráter de colônia de exploração, o que significa que ela foi inserida na política mercantilista da época. Hoje o Brasil é um dos inúmeros países que ocupam a superfície terrestre. Isto significa que a sociedade brasileira e parte da sociedade moderna ou industrial que dividiu o mundo em países e que modificou como nunca a natureza original, transformando-a em segunda natureza, em natureza humanizada.

No Brasil, plano de território, processo de centralização envolveu a abertura de caminhos interiores, necessários para iniciar o processo de integração entre as diversas capitânias.

A expressão da urbanização via industrialização não deve ser tomada apenas pelo elevado número de pessoas que passaram a viver em cidades, mas, sobretudo porque o desenvolvimento do capitalismo industrial provocou fortes transformações nos moldes da urbanização no que se refere ao papel desempenhado pelas cidades e na estrutura interna destas cidades.

Castells sugere que ao invés de falar de urbanização, que se fale de produção social das formas espaciais, na perspectiva de aprender as relações entre os espaços construídos e as transformações estruturais de uma sociedade. Assim

não devemos apenas enxergar na urbanização que se dá via industrialização, uma acentuação de pessoas vivendo em cidades.

A sociedade é que da forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias. Além disso, as tecnologias de comunicação e informação são particularmente sensíveis aos efeitos dos usos sociais da própria tecnologia (CASTELLS; CARDOSO, 2005, p.17).

No século XX após a Segunda Guerra Mundial, devido à necessária reconstrução física a que se viram obrigada algumas cidades, muitos países importantes tornaram medidas para formalizar leis baseadas em princípios urbanísticos.

Na maioria das cidades a expansão e a ocupação territorial do espaço urbano estão atreladas ao seu crescimento econômico, que propicia o crescimento das cidades. E com o aumento das cidades, foram surgindo pontos de ocupação do espaço territorial denominado periferias, onde as populações mais pobres são deslocadas dos pontos centrais para os periféricos, ocupando espaço sem infraestrutura e construindo moradias que não oferecem condições para uma sobrevivência digna familiar, além das condições de transporte, saúde, segurança e espaço de lazer dificultado todo um convívio social o que na maioria das vezes resulta em conflitos entre os próprios moradores da comunidade.

Os problemas urbanos são contínuos e vem se acumulando ao longo dos anos, além dos surgimentos de favelas, invasões, vilas que nascem e se expandem a retenção especulativa de terrenos é constante o adensamento e a verticalização sem precedentes podem ser verificados com frequência a destruição do meio ambiente é de forma avassaladora gerando um transtorno sócio ambiental sem destino certo e sem garantir a sustentabilidade para as gerações futuras.

O espaço, portanto é um testemunho; ele testemunha um momento de um modo de produção, pela memória do espaço construído das coisas fixadas na paisagem criada. Assim o espaço é uma forma, uma coisa durável que não se desfaz paralelamente a mudança de processos; ao contrário alguns processos se adaptam as formas pré-existentes enquanto que outros criam novas formas para se inserir dentro dela (SANTOS, 2004, p. 173).

Na formação de bairros, podemos observar que na comunidade torna-se indispensável à criação de grupos sociais, como por exemplo, os grupos religiosos, grupos de idosos, grupos de gestantes, grupos de esporte, grupos de assistências,

etc.

[...] As atividades religiosas, cujo momento de realização mais comum são as festas, servem para congregar os moradores de um bairro; as famílias dispersas no espaço geográfico se definem como grupos pelo fato de atenderem também a tais encontros periódicos. Além dessas ocasiões regulares, encontros informais e ocasionais também tem lugar, multiplicando as reuniões. A vida nos bairros se caracteriza por um ritmo que lhe é próprio, em que a dispersão habitual e cotidiana é alterada com momentos de aproximação, proporcionados ora pela necessidade de certos trabalhos em comum, ora pelas festas, tanto em sua função religiosa quanto em sua função recreativa (QUEIROZ, 1973, p.73).

A urbanização no Brasil ocorreu em diferentes áreas e em diferentes períodos do tempo, e isso se iniciou com a chegada dos portugueses. Durante o século XX, o Brasil sofreu um processo profundo de urbanização de uma sociedade rural para uma sociedade urbana.

Um estudo da divisão territorial do trabalho sob o enfoque do tempo comporta pelo menos duas entradas, duas acepções. Uma delas analisaria as divisões do trabalho sucessivas, ao longo do tempo histórico uma cadeia das transformações ocorridas, suas causas e consequências. As classes sociais de uma sociedade dividem-se conforme a sua estrutura econômica, político e ideológica. Segundo o livro de Boris Fausto, O Brasil Republicano: “É sempre difícil precisar os limites exatos de uma classe, tendo em conta que inúmeras formas de transição atenuam as diferenças sociais na estrutura de classe”.

A urbanização no Brasil, principalmente no século XX, acontece de uma maneira mais ampla, pois é um período em que a industrialização esta andando a passos largos. E esse contexto vai trazer aqueles que antes viviam no campo, fazendo com que se modifiquem as estruturas urbanísticas do país.

Consideramos a urbanização como um processo social, fato que se dá passo a passo e conforme interagem as pessoas, as mudanças foram acontecendo.

A urbanização é um processo que ocorre à sombra do fortalecimento da economia agrário- exportadora, que em longo prazo conformará o Estado a sua imagem, portanto, a própria burocracia, o aparelho de Estado: a cidade também colabora na construção da dependência das classes médias ao projeto do bloco no poder sob a hegemonia das classes dominantes agrário-exportadora. É ilusório pensar o processo de urbanização como a passarela para a possibilidade do exercício da autonomia na prática política. Entretanto, como a urbanização é um

processo no interior do qual a uma lenta diferenciação social, principalmente depois da Primeira Guerra Mundial, é inegável que os novos protagonistas irão engrossar as fileiras da reação anti-oligárquica (profissionais liberais, funcionários, empregados e inclusive operários urbanos).

E por ocasião do descobrimento do Brasil, tinham por cenário regiões habitadas por povos com certo grau de desenvolvimento econômico e cultural na Europa. Ao contrário o povo que aqui habitava tinha um nível econômico e técnico, sem possibilidades de concorrer em qualquer situação com o restante do mundo, todavia era o nível que suas necessidades produziam.

Primeiramente vemos que a divisão territorial do trabalho no Brasil tem início quando da chegada dos portugueses em 1500 e assim segue até 1889. Devido ao tempo que se dá esse período do Brasil, tem características centrais relacionadas aos territórios de Portugal e Inglaterra. Entendemos o período de colonização ao de monarquia em função da monarquia, e em função da monarquia continuar representando os interesses de Portugal, mesmo quando se mudou para o Brasil.

Tendo estas questões com premissas a formação dentro de projetos geopolíticos e econômicos.

Durante três décadas após o descobrimento, os portugueses limitaram a uma exploração grosseira dos recursos naturais. Deram origem as primeiras feitorias e alguns agrupamentos de brancos, com rudimentos de agricultura, povoados, na sua maioria por náufragos.

Discorrer sobre o conceito do espaço urbano e também sobre conceito de cidade é um viés um tanto complexo e polemico. Cada sociedade vê o espaço de uma forma que diretamente estará ligada as suas concepções sociais e culturais.

A concorrência era grande que países rivais vinham-se estabelecer-se nas costas brasileiras.

Segundo Nestor Goulart Reis Filho⁵ as formações urbanas brasileiras são parte de uma estrutura dinâmica, a rede urbana deve ser compreendida, e o processo de urbanização que determina o aparecimento daquelas formações, cuja explicação exige o conhecimento do sistema social da Colônia⁶, no qual se desenvolve, e da política de colonização portuguesa

⁵ NESTOR Goulart Reis Filho, arquiteto e professor de história da arquitetura. Nasceu em 1931, além de acompanhar a história arquitetônica brasileira e internacional. Contribuiu ao Estudo da EVOLUÇÃO URBANA DO BRASIL.

⁶ Colônias: eram cidades- estados fundados por uma cidade mãe, não tendo, ao contrário de colônias mais recentes extensões. Conjunto de indivíduos da mesma nacionalidade que se estabelecem em um país estrangeiro. A colônia portuguesa no Brasil é muito numerosa. Possessão de um Estado fora do seu território em geral no ultramar.

(REIS FILHO, 1968, p. 19).

Poucos autores situavam a formação e a evolução urbana, nos primeiros séculos, como a obra do acaso.

Os fatos urbanos tem sido encarregados sob diferentes prismas científicos, geográfico, sociológico, econômico, urbanístico, etc. A diversidade no tratamento da matéria não elimina a necessidade de uma conceituação básica da natureza do fato urbano, um esquema teórico que possa esclarecer quando e porque uma aglomeração humana adquire a condição de centro urbano (REIS FILHO, 1968, p. 19).

É certo que os serviços de estatísticas⁷ fixam, em cada país, um número mínimo de habitantes demográfico e quantitativo. Cada país cria e tem o seu critério para pesquisas, e nem sempre esses índices mostram a realidade.

Consideramos a urbanização como um processo social que se dá passo a passo conforme as mudanças aconteciam (econômicas, sociais, políticas). Portugal queria ocupar o Brasil com esperança que o ouro encontrado compensasse o esforço pela tal descoberta. Como se quem morasse aqui não sabia que havia ouro.

No início a coroa apenas fiscalizava e os donatários⁸ e colonos figuravam a instalação das cidades. Em alguns locais fracassou a colonização, e as terras voltavam à coroa, e hoje muitas cidades também não se desenvolveram economicamente.

A instalação do Governo geral em 1549 teve como objetivo, segundo vem expresso no regimento de Tomé de Souza... Conservar, enobrecer as capitânias⁹ e povoações das terras do Brasil. (REIS FILHO, 1968, p. 31).

A política urbanizadora deve ser entendida como um esforço para controlar ou influir sobre as transformações que ocorrem num processo de urbanização. O objetivo é demonstrar que a política urbanizadora tem como decorrência que ambas determinam os papéis que os centros urbanos vão desempenhar no sistema.

Para Nestor (1968), Portugal se colocava na origem das transformações do

⁷ ESTATÍSTICA: a palavra estatística é do latim e significa "estado". Este termo provém do primeiro uso de estatística eu tinha como função o registro de dados (número de habitantes da população, numero de casamentos...) e a elaboração de tabelas e gráficos para descrever resumidamente um determinado país em números. Passado muito tempo a estatística evoluiu, tornando-se uma ampla e complexa ciência, tirando conclusões sobre o conjunto todo a partir de amostras representativas.

⁸ DONATÁRIO: Sujeito para qual se fez uma doação, beneficiário de uma doação. História: No Brasil colônia, aquele que recebia terras ou capitânias hereditárias, doadas por D. João III para povoá-las e cultivar.

⁹ CAPITANIAS HEREDITÁRIAS: Foi um sistema de administração territorial criado pelo rei de Portugal, D. João III, em 1534. Este sistema consistia em dividir o território.

sistema social, como agente da política de colonização, parte importante da política urbanizadora. Também que o estabelecimento do regime das Capitânicas, estimulando a fixação de europeus nas novas terras, visava alcançar não apenas a sua ocupação, mas também a urbanização, como a solução mais eficaz de colonização e domínio.

A Coroa deixava aos donatários as principais tarefas de urbanização, outorgando-lhes o poder de criação de vilas de acordo com o que vinha na doação. A Coroa dava as terras, mas determinava onde e como deveria acontecer o povoamento.

Como resultado dessa política, das trinta e sete povoações, entre vilas e cidades, fundadas entre 1532 e 1650, apenas cerca de sete o seriam por conta da Coroa, cabendo as demais aos donatários e aos colonos, o que representava um inegável sucesso em relação aos padrões modestos do projeto de Mestre Diego de Gouveia (REIS FILHO, 1968, p. 66).

Nas capitânicas pertencentes à Coroa, cabiam exclusivamente as tarefas de urbanização. O rei elevava o povoado à condição de vilas e cidades. As cidades eram criadas em pontos especiais. Funcionavam como centros regionais e por meio delas revelavam-se as tendências centralizadoras da política portuguesa, que se opunham a dispersão dominante.

Na criação das cidades a Metrópole fornece ao governo central arquitetos e engenheiros militares, para as obras de maior importância. Com programas ambiciosos a Coroa pretendia cumprir nas povoações que levantava em suas terras, incluía a presença de engenheiros militares para a assistência aos governadores e demais autoridades, para o cumprimento mais perfeito dos desígnios reais.

O número de engenheiros é um índice explicativo do desenvolvimento das técnicas de construção arquitetônica e urbanística em uma região. A partir de 1549, a Coroa envia para o Brasil alguns engenheiros, colocando-os a serviço dos governos regionais e destinando-os ao atendimento das necessidades reais.

Durante o século XVII, é possível observar, através do nosso gráfico, a importância crescente do Brasil em face das outras colônias portuguesas. Ao se iniciar o século, já é maior o número de presenças de engenheiros verificadas no Brasil, do que na Índia. Por volta de meados do século, os dados referentes ao Brasil igualam, e a seguir superam os referentes a toda a África (REIS FILHO, 1968, p.70).

É possível afirmar, que até meados do século XVII, Portugal, aplica no Brasil

uma política urbanizadora que consistia em estimular a formação de vilas nos territórios pertencentes aos donatários, reservando-se as tarefas correspondentes a fundação, em seu território, de cidades com funções de centros de controle regional.

Com isso a Coroa tinha pleno controle sob as novas cidades, davam as terras aos donatários, e cobravam de tais desenvolvimentos plenos conforme o determinado. Já se observava no Brasil Colônia o cuidado com uma política de ação urbanizadora centralizada na economia e administração nas mãos de um governo geral, a Coroa.

Mesmo a Coroa atribuindo em alguns momentos autoridade aos seus governos não dava o direito de tais construírem ou distribuírem as terras como lhes coubessem. Esse era papel pleno da Coroa, estavam presos a um sistema.

Não é por acaso que surge numa época na qual algumas capitâneas vão sendo incorporadas à Coroa e criadas novas, com as mesmas condições, o que torna possível a aplicação de uma política desse tipo em ampla escala. A política urbanizadora procurava, portanto, em face de novas condições, submeter ao controle mais direto da Coroa não apenas as povoações de menor importância, mas todas as aglomerações, em todos os níveis e regiões (REIS FILHO, 1968, p.73).

Segundo Nestor (1968) a Coroa limitara-se a fundar povoações com a categoria de cidades, a partir das quais pudesse controlar as atividades das capitâneas e das vilas fundadas pelos donatários.

Como já dito a Coroa pensava tudo a seu favor: os donatários ficavam com a mão de obra e a coroa com o lucro. Então começa uma nova política urbanizadora para mostrar o estágio mais perfeito de desenvolvimento, a mais perfeita exploração colonial.

Ainda que se reconheça a modéstia das iniciativas portuguesas, nas quais se nota muito de empirismo administrativo, parece evidente que sua política urbanizadora no Brasil, em sua formulação e por sua ação, foi uma simples repetição inconsciente de padrões culturais, sem qualquer proposta de ordem racional (REIS FILHO, 1968, p. 77).

Como vimos tudo foi devidamente estudado. A formação das vilas com suas prioridades para suprir as necessidades que havia. A análise da formação e evolução da rede urbana brasileira apresenta alguns problemas de ordem estritamente histórica. As datas de fundação das povoações nem sempre são de fácil determinação e o tratamento das questões surgidas é dificultado pela ausência de trabalhos sistemáticos sobre o assunto. A formação da rede urbana é iniciada em

1532, com o estabelecimento do regime e a fundação de São Vicente.

Até 1650, quando se inicia a grande centralização político-administrativa, seriam fundadas 31 vilas¹⁰ e 6 cidades¹¹ no intervalo de 120 anos. E as cidades beneficiadas com a atenção da Coroa, contavam com um contingente populacional numeroso e de mais elevada qualificação, exemplo Salvador que recebera duzentos e oitenta colonos, trezentos e vinte soldados, quatrocentos degredados¹² e um bom número de funcionários públicos trazidos por Tomé de Souza (REIS FILHO, 1968, p. 80).

Vencida a resistência dos indígenas, os colonos dispersaram-se no meio rural, de modo que, em fins do século XVI, dirá Gabriel Soares de Souza a respeito de Olinda que terá setecentos vizinhos pouco mais ou menos, mas tem muito mais no seu termo, porque em cada um destes engenhos vivem vinte e trinta vizinhos, fora os que vivem nas roças¹³ afastadas deles, que é muita gente.

O ritmo de crescimento reflete-se na média da criação de vilas e cidades entre os anos de 1540 e 1630, aproximadamente iguais a duas por decênio. Via-se um crescimento de população branca e negra ocupando novas terras, nas terras mais afastadas dos programas de economia de exportação, verificava-se um crescimento natural demonstrando que o programa de urbanização já tinha um caminho próprio.

A formação das cidades foram aumentando, vilas passaram a serem cidades, refletindo um crescimento global. Podem ser assinaladas três etapas de mais intensa urbanização: a mais modesta em São Paulo, entre 1650 e 1660, a fundação de vilas na área do atual Estado.

Tudo tinha que ser calculado com precisão. Hoje com um crescimento desenfreado, tem cidades que vivem um verdadeiro caos. E claro que envolve um

¹⁰ VILAS: Povoação de categoria inferior a de cidade e superior a de aldeia, localidade, distrito de cidade maior, povoado.

¹¹ CIDADES: Povoação que corresponde a uma categoria administrativa, geralmente caracterizada por um número elevado de habitantes, por elevada densidade populacional e por determinadas infraestruturas, cuja maioria da população trabalha na indústria ou nos serviços. Aglomerado urbano.

¹² DEGREGADO: Condenado a degredo. / Degredo: Pena de desterro, imposta judicialmente como castigo de um crime grave. Exílio, expulso, banido, degredado, deportado, desterrado, exilado, expatriado, proscrito, proscrito, expulso, réprobo, êxul, refugiado, ablegado, afastado, despatriado, exule, mais... Aquele que pode ficar mais...

¹³ ROÇAS: Peça de terra preparado para o plantio; sítio, zona rural. 1 Ação ou efeito de roçar; roçadura. 2 O terreno roçado. 3 Terreno preparado para a lavoura, onde se planta milho, feijão etc. 4 Roçado. 5 Reg. (Pernambuco) Terreno plantado de mandioca. 6 Reg (Pernambuco) Mandiocal. 7 Reg (Bahia) Chácara, nos arrabaldes de Salvador, para cultura de frutas e hortaliças. 8 O campo, em oposição à cidade. Fazer roça: explorar.

minucioso cálculo em todos os sentidos como: natalidade, estrutura econômica, saneamento. Mas como controlar tudo com a política que temos em nossas cidades?

E hoje como um exemplo caótico São Paulo com um crescimento desordenado não sabem mais por onde andar saiu do controle, pois pensam apenas em povoar e esquece-se de como povoar. É necessário pensar, estudar, criar possibilidades para ir e vir. Esgotaram-se as possibilidades de mudanças.

Em 1548 haviam sido fundadas no litoral brasileiro cerca de 16 vilas e povoados¹⁴. Ao governo cabia a coordenação militar e administrativas das cidades e vilas.

Em meados do século XVII, as transformações ocorridas nas relações econômicas em que se baseava até então o processo de colonização do Brasil, determinavam uma total reformulação das relações entre a Metrópole e a Colônia. Inicia-se nessa época uma vigorosa centralização econômica e administrativa. Estabeleceram-se restrições ao comércio de exportação e importação, à navegação e reservaram-se as atividades de comércio mais importantes aos portugueses de nascimento; grande parte desse controle sobre a vida econômica era feito através das companhias privilegiadas de comércio (REIS FILHO, 1968, p. 32).

Segundo Nestor (1968) no ano 1660 a população já se rebelava contra o governo Salvador Correa de Sá, em virtude do aumento de impostos. Num correlato hoje no ano de 2013, a população descontente sai às ruas para reivindicar seus direitos. Aumento abusivo, falta saúde, a educação está um caos, hospitais fechados, e pasmem hospitais equipados com equipamentos de primeiro mundo totalmente fechados, alegam não ter profissionais para a área. As escolas estão indo as falências devido ao descaso de certos profissionais que fingem dar aula e assim consequentemente os alunos fingem que aprendem. E a politicagem finge que administram as cidades.

Com o descobrimento das minas, os fazendeiros ganharam um reforço. E no século XVIII o poder central estava consolidado. E parte da civilização europeia vinda para a colonização brasileira.

“As humildes vilas brasileiras tiveram seu nascimento subordinado a um programa elaborado em Lisboa. Todas se erguiam debaixo da organização

¹⁴ POVOADOS: É uma povoação constituída por poucas casas, ou seja, uma pequena povoação. É geralmente um assentamento humano rural. Local com habitantes, lugarejo, vila, povoação. Sinônimo de povoado: aldeia, localidade, lugarejo e povoação.

municipal que desde o seu dia inicial lhe presidia os movimentos e marcava o futuro” (REIS FILHO, 1968, p.35).

Aos vereadores da época, eram por primeiro eleitos por um conselho escolhido pelo povo. A tais cabia cuidar das terras e de tudo que podiam saber e entender. Os vereadores metiam-se em todos os departamentos. Caso muito engraçado, pois hoje os vereadores ainda se metem muito, mas não resolvem nada, de nada adianta serem nossos representantes, pois na grande maioria representam eles mesmos.

Pode-se dizer que ao terminar a segunda década do século XVIII estariam concluídas essas transformações consolidadas as novas formas político-administrativas e definida a situação dos colonos, de tal modo que maduras as condições para ampliação de uma política altamente centralizada, como a que caracterizou a ação da Metrópole daí por diante (REIS FILHO, 1968, p. 38).

A economia colonial baseava-se quase que exclusivamente na agricultura de subsistência¹⁵, porque nos primeiros anos plantava-se para comer, tudo isso ocorria no século XVI. Os portugueses participavam diretamente dos trabalhos de cultivo da terra e todos os trabalhos braçais. Com a perda das terras os índios foram fazendo os trabalhos escravos. Assim ficou a divisão da sociedade: senhores e escravos, que formavam a base da economia rural e urbana até o século XVIII.

As atividades econômicas dividiam-se entre a agricultura comercial para e exportação e para sobreviverem. A rede urbana foi uma resposta da economia rural.

O cultivo da cana de açúcar foram atividades econômicas de maior importância, até que no fim do século XVII o descobrimento do ouro da origem a atividade mais rendosa. E nessa época o rendimento – da lavoura de açúcar - ficava concentrado quase que exclusivamente nas mãos dos empresários. Devido à mão de obra escrava, pequena parcela ia para fora do engenho.

“Desse modo, tanto os rendimentos monetários quanto os rendimentos em serviços e a produção de subsistência encaminhavam-se diretamente para a camada dos grandes proprietários rurais” (REIS FILHO, 1968, p. 41).

Os rendimentos altos da mineração provocaram uma acirrada concorrência

¹⁵ AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA: Se caracteriza pela utilização de métodos tradicionais de cultivo realizados por famílias camponesas ou por comunidades rurais. É desenvolvida, geralmente em pequenas propriedades e a produção é bem inferior se comparada às áreas mecanizadas. O camponês estabelece relações de produção para garantir a subsistência da família e da comunidade a que pertence.

no mercado de escravos. Mas até o fim do século XVII o que mais rendia era a produção do açúcar.

Claro que os grandes proprietários produziam mais, com isso lucrava mais, pois tinham mão de obra escrava em grande quantidade e isso trazia grandes benefícios, e isso hoje não mudou nada, pois os pequenos proprietários estão se acabando. Na grande maioria – os grandes proprietários - conseguem investir mais, produzem mais e com certeza seu lucro será maior.

Os pequenos produtores não dispõem de material agrícola suficiente, tendo que alugar maquinários. Também precisam fazer empréstimos, e qualquer praga, chuva ou outra causa leva o pequeno produtor a uma quebra.

Assim como no século XVII, a redução de produção levava a traços negativos, hoje no século XXI não mudou nada. Pois os pequenos proprietários plantam para a sobrevivência. Já que a ordem capitalista de produção não mudou. E os grandes proprietários de terras dominaram, os pequenos estão desaparecendo passo a passo. Não conseguem mais manter-se na agricultura

Todos esses traços estão levando esses pequenos proprietários de terras para as cidades, causando um crescimento desordenado em alguns pontos em nosso país.

Os grandes proprietários do século XVII tinham o controle de produção na mão, pois tinham grande quantidade de terras e escravos. Hoje, os empresários têm os meios de produção e a mão de obra sob o seu controle via baixos salários e jornada de trabalho. Isto produz um quadro similar ao Brasil Colonial. Portanto cabe perguntar: Em que mudou? Já saímos da senzala? Obviamente que a senzala de hoje possui outras condições materiais, mas a sua substancia é a mesma.

Nessa época, no século XVII os grandes proprietários rurais também participavam da política. Hoje primeiro eles tornam-se políticos depois começam a praticar agropecuária em sua grande maioria. Tornando-se grande maioria grandes produtores rurais.

A forma pela qual se organizou a vida na colônia iria favorecer no âmbito das cidades e vilas, a predominância da camada dos grandes proprietários rurais, cuja hegemonia¹⁶ somente começaria a enfraquecer a partir da

¹⁶ HEGEMONIA: Supremacia de uma cidade, de um Estado etc., em relação a outros: a luta pela hegemonia celebrou Esparta e Atenas. Figurado. Supremacia, domínio, preponderância ou proeminência. Influência absoluta, liderança ou superioridade. Proeminência política ou bélica nas sociedades da Grécia antiga. Significa direção suprema. É a supremacia de um povo sobre outros

segunda metade do século XVII com o desenvolvimento do comércio (REIS FILHO, 1968, p. 47).

Também Nestor (1968) deixa claro que quanto mais terra, mais produziam, e contavam com um número grande de escravos. E esses proprietários rurais, influentes no campo e destacados nos centros urbanos com funções na vida municipal, administrativas, justiça, política. Não de lado a participação dos pequenos proprietários, que tinham como objetivo a agricultura comercial.

Alguns construíam pequenos engenhos de aguardente, fumo, dependendo do clima ou a situação do mercado dedicavam-se a pecuária, lavoura de mandioca e no sul de trigo.

E no final do século XVII e início do século XVIII as camadas urbanas em desenvolvimento, comerciantes, burocratas, mineradores, vieram disputar postos de comandos. Os proprietários rurais se separaram dos comerciantes, começavam ter independência.

A produção agrícola mais uma vez aparece como grande ajudador em seu sistema de exportação em setores da economia, inclusive nas áreas urbanas. Até meados do século XVII o comércio exportador e importador apresentava alguma vitalidade, especialmente em Salvador.

Não podemos negar que grande parte do desenvolvimento urbano veio do rural. Grande ou pequeno produtor desenvolveu sua economia e ajudaram na economia brasileira; ouro, cana de açúcar, café, deram um salto na produção local, regional e em sua maioria alavancaram a exportação.

Só que não posso deixar de lado que os grandes produtores cada vez se destacam, pois possuem uma linha de crédito maior, conseguem produzir um bom capital, os pequenos produtores, ou vivem pequenos ou desaparecem.

As prerrogativas em relação ao comércio e à navegação, concedidas aos primeiros colonizadores permitiam uma verdadeira descentralização comercial. Todos os proprietários participaram, em maior ou menor grau, das atividades comerciais e todos foram, em maior ou menor grau, comerciante. Os próprios donatários organizavam suas empresas (REIS FILHO, 1968, p. 51).

O comércio se expandiu e foi para a navegação. Precisavam das

povos, ou seja, a superioridade que um país tem sobre os demais, tornando-se assim um Estado soberano.

embarcações para distribuir sua produção, até os jesuítas possuíam várias embarcações para transportar suas mercadorias. Tal comércio vinha da grande produção agrícola.

A primeira grande empresa comercial foi a Companhia Geral de Comércio do Brasil¹⁷, que se beneficiava de quatro principais produtos de importação: farinha de trigo, vinho, bacalhau e azeite.

Mas em meados do século XVII as atividades econômicas urbanas não eram suficientes para ter vida própria. Dependiam de influências exteriores e isso não ajudava em nada, pois se aplicavam aqui, é claro que queriam bem mais em troca.

Cada grupo de comerciantes seja grande ou pequeno tiveram sua participação na economia e desenvolvimento urbano como os tem até hoje. Como no início da coroa os donatários eram encarregados da exportação, para os pequenos comerciantes não tinham retorno. Pois em meados do século XVII o tráfico de escravo era um grande negócio, um retorno ótimo.

Olha o aumento de cargos e funções são incríveis, é coisa antiga, senhores de engenho, donatários e ordens religiosas eram ao mesmo tempo proprietários rurais e comerciantes, acumulando funções e ganhando vantagens. Quem sabe meu pensamento esteja errado, mas o desvio de função daquilo que é público vem desde o início da colonização, quando estes senhores tomando posse das terras dos índios via expropriação da terra. E até hoje continuam tomando posse indevida.

Com o tempo a política centralizada foi se desenvolvendo e os comerciantes ligados a Metrópole tendo seus interesses sempre atendidos. Na sua maioria nascidos em Portugal, continuavam contando com ajuda.

As novas condições da economia urbana, inauguradas com a política de centralização, iriam favorecer o desenvolvimento da camada dos comerciantes, cujos interesses estariam estreitamente ligados aos da Metrópole, sendo quase todos portugueses de nascimento (REIS FILHO, 1968, p. 54).

Com o poder nas mãos os comerciantes começaram a reivindicar poder na política. E o pequeno comércio que não exportava e importava, dedicava-se as

¹⁷ COMPANHIA GERAL DO COMÉRCIO DO BRASIL: Foi uma empresa privada de caráter monopolista, criada sob o reinado de João IV de Portugal (1640-1656), em Portugal. Sua principal função seria de estimular a recuperação de agro manufatura açucareira, afetada pelo conflito, e com isso de fornecer, em caráter de exclusivo comercial, escravos africanos para a região nordeste do Brasil, além de assegurar o transporte de açúcar em segurança para a Europa.

feiras de gêneros alimentícios. Hoje são da mesma maneira, pequenos produtores, plantam e trazem até as cidades seus produtos para serem comercializados na feira.

O pequeno comércio procurava adaptar-se as circunstâncias e população, aproveitavam as oportunidades. Eles eram os que davam as ordens. Viam-se livres, sem terem por perto os grandes proprietários rurais e comerciantes.

É certo, portanto, que uma parcela da população urbana e da camada dos proprietários rurais emprestava dinheiro a juro, exercendo papel de importância na produção. É de se admitir que essas funções fossem realizadas pelos grupos mencionados, ainda que de modo incipiente, nos núcleos urbanos (REIS FILHO, 1968, p. 58).

Aplicavam muito no comércio de escravos, pois grandes proprietários rurais, e os grandes comerciantes dependiam muito da mão escrava. Mais em São Paulo e no Maranhão usavam os índios, mais os ricos podiam e importavam os índios. O índio para quem o possuía era um negócio rendoso. Pois já estavam aqui no Brasil. Não havia gastos e não precisavam de transportes.

O comércio imobiliário ajudou a economia no século XVII. Os imóveis no início tinham valor abaixo da tabela, mas com o tempo, foi tornando-se lucrativa principalmente para as viúvas e velhos que trabalhavam mais no campo. Quanto mais se desenvolvia a população, mais terrenos eram necessários, um comércio amplo e lucrativo.

Continuamos em pleno século XXI vendo as mesmas situações. Terrenos amplos vendidos para serem loteados, povoados e as cidades em pleno desenvolvimento, crescendo de forma desordenada como é o caso de São Paulo, um caos total.

Com o crescimento desordenado começam aparecer desafios e causas com consequências graves como: saúde zero, saneamento básico um caos, e a educação. Eu sonho com um futuro bom, e as escolas com pessoas capacitadas e claro que, com alunos também querendo aprender. Quem sabe não seja um sonho em curto prazo. Pois o governo ampliou as Universidades estando hoje ao alcance de todos.

As grandes empresas agrícolas buscavam a autossuficiência, não apenas no que se refere á alimentação, mas também quanto aos ofícios e serviços. Reunião entre seus escravos e assalariados, tecelões, carpinteiros, pedreiros, ceramistas, etc..., todos os elementos que lhes pudessem assegurar uma relativa independência. Apenas algumas mercadorias como

objeto de luxo para uso das famílias dos proprietários eram trazidas da Europa, mas sempre sem utilizar, ainda assim, o meio urbano mais próximo (REIS FILHO, 1968, p. 60).

Naquela época vivia-se com o pouco que tinham, para trazer mercadoria de fora tinham que ter muito dinheiro. Aprendiam a viver e sobreviver com o que possuíam. A população era consumidora controlada, apenas consumiam o que era necessário. Hoje consumimos e somos consumidores natos, a mídia é uma vitrine, não damos valor pra muita coisa, pois temos demais. O consumismo tomou conta das nossas vidas, vivemos a vida da mídia e não a nossa vida. Eu quero o que todos têm e não o que me agrada ou me faz bem, é isso que ocorre.

A população não está preocupada com o seu bem estar e sim com o que pensam sobre a vida dos outros.

Com a queda da produção agrícola no século XVII, a população no meio urbano em sua maioria não estava apta para trabalhar nos centros e isso causou uma queda na mão de obra. Sobravam no ano 1623 nos quadros de funcionários civis e militares, comerciantes, e faltava mão de obra mecânica, oficiais mecânicos.

Causando uma queda na produção agrícola, e conseqüentemente temem queda nos lucros na agricultura de exportação. Com isso gera uma quebra na economia do comércio. Preocupavam-se muito em preencher cargos públicos.

A mineração surgiu no século XVII, e arrastou de Portugal levas de população.

“A política urbanizadora deve ser entendida aqui como um esforço para controlar ou influir sobre as transformações que ocorrem num processo de urbanização” (REIS FILHO, 1968, p. 66).

A política urbanizadora determina o papel que os centros urbanos vão desempenhar no sistema, para que não haja uma bagunça generalizada.

Vemos no século XVI Portugal se infiltrando em nossas terras, tomando conta das nossas terras contando com a ajuda (portuguesa)? Trazendo tais para urbanizar, ficava claro o direito de formar vilas. É muito engraçado, pois acabaram lucrando, a coroa e os donatários. Apropriaram-se das terras, formaram as vilas e o comércio. Em troca os impostos iam para a coroa.

Um verdadeiro absurdo, eu não consigo entender tais atitudes. Como puderam tomar posse de coisas alheias. E porque nada foi feito a esse respeito. E volto a comentar, que tais atitudes de tomar posse do que não lhe pertence continua.

As cidades eram criadas em pontos especiais. Funcionavam como o centro regional e por meio delas revelavam-se as tendências centralizadoras da política portuguesa, que se opunham, ainda que discretamente, à dispersão dominante (REIS FILHO, 1968, p. 67).

Para a formação das cidades analisavam com antecedência, imaginando um futuro bem próximo um desenvolvimento amplo, cuidava-se e analisavam tudo com precisão. Pois sabiam que era para evolução. Claro que o financeiro contava e muito.

A coroa em seus investimentos forneciam engenheiros, arquitetos para as obras de maior importância. Tinham planos ambiciosos para o futuro da cidade.

“O número de engenheiros é um índice explicativo do desenvolvimento das técnicas de construção arquitetônica e urbanística em uma região” (REIS FILHO, 1968, p. 41).

Também transferiam para o campo¹⁸ o papel de produzir em grande quantidade para os mercados urbanos europeus. Pagava-se pouco para os produtores rurais.

A ação colonizadora tem um custo: são os serviços, como os centros urbanos, a transferência de população, as estradas, tudo o que em conjunto pode ser entendido como custeio da produção. Fica alguns saldos positivos, cuja acumulação imprime lentamente, uma dinâmica própria a vida colonial (REIS FILHO, 1968, p. 91).

Assim a colônia tornou-se absolutamente dependente do mercado europeu, tal ato não seria diferente, pois os europeus tomaram posse indevidamente das terras, nada mais era de se esperar que tais habitantes trabalhassem para eles. Paro e penso que o que mudou hoje, apenas não precisou trabalhar mais para os europeus, trabalhamos para uma classe dominadora no Brasil. Empresários, políticos, donos de estabelecimentos comerciais aprenderam bem como se faz tal tarefa, a de explorar o povo brasileiro.

Não podemos deixar de citar que o café e o açúcar foram grandes precursores¹⁹ da economia brasileira. Tínhamos grandes produtores que deram uma

¹⁸ CAMPO: Grande área de terra desmatada, interior; áreas de terra para criação de gado; local em que se realizam competições esportivas; a perspectiva de trabalho que uma pessoa possui para agir, estudar ou trabalhar. 1 Terreno extenso e plano. 2 Campina. 3 Extensão de terreno fora dos povoados. 4 Terreiro ou praça, sem edificações, dentro de povoação. 5 Extensão ou superfície plana. 6 Área de terreno limpo, usada para cultura ou pastagem.

¹⁹ PRECURSORES: Guia que vem antes de alguém, o primeiro. adj. e s.m. Que ou quem anuncia um acontecimento vindouro. Que ou quem vem adiante de alguém para anunciar a sua chegada. Que ou

grande ajuda para que nossa economia alavancasse²⁰.

Segundo Celso Furtado o comércio agrícola de exportação girava em torno de 50% ao ano atraindo todos da Colônia para o mundo.

O abastecimento de mercados longínquos²¹ organizava o mercado agrícola para a primeira etapa da industrialização do produto. Era uma economia agrícola e industrial, e o açúcar elevou o grau de organização econômica da época.

A população urbana era composta pela camada rural, que usavam a mão de obra escravos sendo os mesmos índios e negros. E a população rural povoava a cidade fazendo suas casas mesmo que para moradia temporária. O desenvolvimento econômico urbano deu-se em larga escala.

As cidades e vilas eram com termo e dotadas de rossio²². As cartas de doação das capitânicas declaravam que os donatários poderiam criar povoações, as quais se chamaram vilas. O rossio era uma parcela do termo demarcada junto aos núcleos urbanos, utilizada para atender ao crescimento das formações urbanas, para pastagens de animais de uso dos moradores e para o recolhimento de lenha por parte das pessoas de condição mais humilde (REIS FILHO, 1968, p. 112).

A situação das cidades sofre modificações e alterações com o tempo. Os caminhos estabelecidos eram com bases nas velhas trilhas indígenas, o caminho garantia comunicação com o interior. Tal caminho era de importância na rede urbana que nascia.

E os centros maiores tinham relações com os centros menores os quais formavam sistemas regionais, desenvolvendo em nível administrativo, militar, religioso e judiciário.

Os centros urbanos maiores concentrava-se o comércio de exportação e importação de suas regiões, e os centros menores tinham interesses pela mineração forçando assim a interiorização.

As chácaras²³ foram às primeiras propriedades rurais em torno dos centros mais antigos. E ao donatário era permitida a criação de vilas ao longo da costa e dos

quem é o primeiro a pregar ou a defender certas ideias, tendências ou doutrinas: Goethe foi um dos precursores do Romantismo.

Bioquímica. (Composto) de que procede a outro, numa sequência metabólica.

²⁰ ALAVANCASSE: Alavancar: v.t. Dar condições de desenvolvimento favorável, incrementar, aprimorar.

²¹ LONGÍNQUO: Afastado, distante, sito a grande distância.

²² ROSSIO: Praça larga; terreno ou largo bastante espaçoso.

²³ CHÁCARAS: Pequena propriedade para passa tempo das pessoas.

rios que se navegava, com qualquer distancia entre elas, tendo apenas que respeitar limites.

As Câmaras²⁴ encontravam várias maneiras para estimular as construções urbanas, promovendo o crescimento de vilas e cidades.

Em fins do século XVII os mecanismos do crescimento de vilas e cidades conservavam-se em seus fundamentos, como haviam sido herdados da organização municipal portuguesa. Os centros porem começava a sofrer as primeiras dificuldades em sua expansão (REIS FILHO, 1968, p. 116).

Com o crescimento urbano aumentava as responsabilidades administrativas das Câmaras e dos governos. Intensificando assim o controle.

Nos primeiros séculos os núcleos urbanos brasileiros situavam-se no litoral, por razões econômicas, administrativas e militares. Sabendo-se que o transporte em grande parte era marítimo, e quando em terra usava-se carros com bois. Nos centros menores apenas acrescenta-se o religioso e judiciário.

Entende-se por sítio de uma aglomeração urbana o local sobre o qual está assentada. Aspectos a considerar na caracterização do sítio das povoações: natureza do solo, relevo, fontes de água para o consumo, cursos ou massas de água.

Preocupavam-se em povoar locais de acesso favorável a navegação e ao clima e solo. Conhecia-se pouco da terra, mas sabiam da sua importância. Parece claro que alguém já havia passado aqui e conhecia bem o que estava acontecendo.

A organização urbana aplicada no Brasil, como arquitetura era europeu.

Uma constante na forma de organização desses centros era a valorização, por meio de praças, dos pontos de maior interesse para essas comunidades. Casas de câmara, igrejas ou conventos, provocam à preservação de um espaço livre destinado a aglomeração de população, decorrente das próprias finalidades desses edifícios. Tal solução exigia uma atitude especial para ocupação do solo, junto a esses locais, a qual necessariamente deveria corresponder um esforço de controle, inexistente em se tratando de outros aspectos do traçado (REIS FILHO, 1968, p.131).

Foi só a partir de 1720 que o Brasil passou a ter suas próprias características, seguindo o seu tratado. As ruas eram entendidas apenas como linha de percurso,

²⁴ CÂMARA: Cômodo, quarto; o mesmo que câmara; congresso peça para filmar, objeto de borracha que se enche de ar por dentro dos pneus. Compartimento de uma casa; quarto de dormir. Lugar onde se reúnem certos órgãos profissionais: câmara de comércio. Qualquer local vedado: câmara frigorífica. Cavidade destinada a receber um cartucho, um explosivo: câmara dos torpedos, nos submarinos.

ligando os domicílios aos pontos de interesses coletivos. E nos centros menores animais passeavam livres pelas ruas, dividindo o espaço com as pessoas.

O transporte usado era de animais, em qualquer situação, quando por terra. E hoje está difícil circular, faltam espaços, esse crescimento desordenado das cidades está prejudicando a todos.

Nos centros maiores o comércio começa a se desenvolver, vão ganhando adeptos, e as ruas vão surgindo, tendo uso diário. E as ruas no início eram usadas além do transporte também para o lazer das crianças.

As praças acolhiam muitas atividades: reuniões religiosas, cívicas e recreativas, atividades de comércio como feiras e mercados livres. Hoje as praças²⁵ são usadas para as mesmas ações. E em muitas cidades elas são de destaques e tem motivos para visitas turísticas.

Nos centros urbanos menores as ruas desenvolviam-se em torno das praças onde se acomodavam as casas, a câmara e igreja. Nos centros maiores as ruas passaram a ter sua importância, para a população circular.

No início as ruas e praças não eram calçadas. Hoje nos centros, ruas e ao redor das praças o governo tem uma atenção especial: calçamento para as ruas e praças, em muitas cidades a uma iluminação especial. Um local para a família desfrutar e descansar faz parte de uma rotina.

O progresso dos centros menores e maiores foram surgindo lentamente. Hoje há cidades que não se desenvolveram. Já há cidades que cresceram desordenadamente, como exemplo São Paulo, Curitiba e Joinville.

E com o crescimento desordenado surgem os problemas: um trânsito caótico, enchentes, saúde e educação com graves problemas. A própria população é culpada. Estamos perdendo nossa identidade, estão dizendo o que devemos fazer e como fazer.

Com as ruas foram surgindo às quadras, seguindo uma linha de construção. As quadras foram divididas em lotes. Iniciaram-se as construções das casas. Nos centros maiores as chácaras próximas dos zoneamentos urbanos tornaram-se loteamentos, e assim surgiram as casas povoando as cidades.

Hoje a população vai surgindo e povoando as cidades da mesma maneira. E o crescimento da população dos centros urbanos conduz a formação dos bairros. As

²⁵ PRAÇA: Logradouro, local público nas cidades para as pessoas repousarem, soldado raso; cidade comercial.

separações entre esses bairros são formados com morros, praças, edifícios públicos ou religiosos.

Segundo Reis Filho (1968), a maior concentração de população em centros urbanos que ocorreu a partir de meados do segundo século, favoreceu o zoneamento e a subdivisão desses centros e bairros.

E a população rural está sempre ligada a uma paróquia, que por sua vez tem grande importância em tais desenvolvimentos. A igreja está sempre relacionada à população, seja urbana ou rural. Preocuparam-se desde os primórdios em implantar uma igreja no centro urbano para se aproximarem da população.

Bairros definidos por tipos especiais de habitações ou de usos, em contraste com outros bairros, ou com um conjunto de vilas e cidades, constituíam já as formas incipientes²⁶ de zoneamento dos núcleos urbanos coloniais, e seriam a partir deles, que se constituiriam com o tempo, as ruas com funções especializadas (REIS FILHO, 1968, p. 152).

As construções evoluíram conforme o crescimento da população. A princípio as construções eram apenas para habitação. Mas com o passar dos tempos foi se pensando em qualidade e acomodação. As construções estão hoje para satisfazer o bem estar pessoal de cada pessoa e família.

Certo é que cada construção tem seu estilo próprio, exemplos: igrejas, locais públicos, escolas, comércio e indústrias. Vemos construções para iluminar nossos olhares.

Vendo que a urbanização brasileira foi pensada detalhadamente em alguns aspectos, em outros as coisas surgiram por acaso. Detalhes de povoação, construções, surgiram para suprir necessidades a princípio.

E com o Brasil foi ganhando seu estilo próprio. Crescemos desordenadamente em alguns aspectos, mais em contra partida outros ficaram no século passado.

A expedição de Martim Afonso de Sousa à costa brasileira, em 1530, marcou uma nova etapa administrativa de caráter transitório, na medida em que lhe foram atribuídos poderes para criar os ofícios de justiça e administração necessários a uma colonização efetiva. Nesse mesmo ano, D. João III em carta a Martim Afonso de Sousa, que então se encontrava na costa brasileira, datada de 28 de setembro de 1532, comunicava: "Depois de vossa partida se praticou, se seria meu serviço povoar-se toda esta

²⁶ INCIPIENTES: Que inicia que começa principiante. Que começa, principia; inaugural; inicial; principiante. ...

costa do Brasil, e algumas pessoas me requeriam capitâneas em terra dela” (SILVA *et al.*, 2008, p. 13).

As doações aos donatários iniciaram em 1534. A doação de capitâneas constituía nessa época uma das formas de o monarca recompensar que o tinha servido bem. Com tudo isso tinha vantagens financeiras, pois os rendimentos de que podia usufruir nas suas terras brasileiras estavam enumerados no foral²⁷ que acompanhava a carta de doação. O donatário podia arrendar ou aforar²⁸ as terras.

Mesmo sem ser um genealogista, fr. Gaspar da Madre de Deus escreveu: “poderia eu repetir muitos nomes de povoadores, se me fora necessário apontar os de todos que me lembra de ter achado com o tratamento de nobres em documentos autênticos ou livros impressos”. “Querendo ressaltar a “qualidade” dos primeiros colonos, referiu cuidadosamente todos àqueles que encontraram na documentação com foro de fidalgo da Casa Real e que tinham morado na vila de São Vicente quando a povoação estava na sua infância” (DEUS, 1953, p.65).

As cidades foram sendo habitadas por nobres e plebeus. Cada um na sua função precisa de todos para povoar, pois quem faria o serviço se não tivessem os que executariam a mão-de-obra. Precisa-se sempre de serviçais com qualidades.

Silva *et al.* (2008, p. 39) deixa claro em seus relatos que os paulistas entraram sertão adentro a procura de índios para sua lavoura, fato que está documentado nas Atas da Câmara de São Paulo.

A necessidade de mão-de-obra indígena foi aumentando na segunda metade do século XVI. Após serem roubados, ainda tinham que trabalhar. Depois quando os índios guerreavam, o dito homem branco se achava no direito de reclamar e chamar para si a razão.

Nessa época estavam rodeados pelos índios Tupiniquins que a mais de quinze anos matava homens brancos no sertão. Dizem os homens brancos que nada haviam feito contra os índios. Mas sabemos que fizeram muito mal, começaram tomando seu espaço na terra.

A primeira vila de São Vicente foi no dizer de Gabriel Soares de Sousa, “povoada de muita e honrada gente”, que chegara à armada de Martim Afonso e

²⁷ FORAL: s.m. Carta monárquica que regulamentava a administração de terras conquistadas. / Carta que concedia privilégios a indivíduos ou corporações. / Título de aforamento de terras; foro.

²⁸ AFORAR: v.t. Transferir ou receber mediante aforamento. / Abonar, autorizar. / &151; V.pr. Atribuir-se, arrogar-se: aforar-se de entendido.

“floresceu muito nestes primeiros anos, por ser ela a primeira em que se fez açúcar na costa do Brasil, donde se as outras proveram de canas de açúcar para plantarem e de vacas para criarem” (Sousa, 1989, cap.60: “em que se declara cuja é a capitania de São Vicente”). Quanto a segunda vila criada pelo donatário, há discrepâncias na documentação quinhentista. Segundo Soares de Sousa, ela teria sido fundada e fortificada no litoral: era a vila da Conceição, mais tarde conhecida como Itanhaém. Já o Diário de Pero Lopes de Sousa, irmão de Martim Afonso, a situa a nove léguas pelo sertão, à beira do rio Piratininga: “se repartiu a gente nestas duas vilas e fez nelas oficiais e pôs tudo em boa ordem de justiça”.²⁹ Foi certamente este texto que levou Jaime Cortesão a defender que Martim Afonso de Sousa fundou em 1532 a vila de Piratininga, embora esta não tenha sobrevivido e formalmente a primeira tenha sido a de Santo André, em 1553 (CORTESÃO, 1955, p. 270-271).

Como passear pela formação de um país nobre e extenso e deixar de relatar a formação do nosso estado, Estado de santa Catarina, que na minha visão belo e atraente.

Segundo Cabral (1970) foi diversas expedições espanholas à costa sul do Brasil. Desde o descobrimento até o reconhecimento de Martim Afonso, em 1530, que relatam escala na Ilha de Santa Catarina.

Durante o século da descoberta, é indiscutível, a costa catarinense foi frequentemente visitada por exploradores e navegantes portugueses e espanhóis, principalmente por estes últimos, devendo-se a estes muitas denominações pelas quais foram conhecidos os seus acidentes, algumas das quais persistem até hoje. Em 1514, D. Manoel e Cristóvão de Haro, visitaram a costa de Santa Catarina tendo sido responsável pela denominação de Ilha dos Patos, dada a que os aborígenes chamavam de Meimbipe³⁰, e que seria a Ilha de Santa Catarina (CABRAL, 1970, p. 22).

²⁹ O Diário de Pero Lopes de Sousa foi publicado por Jaime Cortesão (1956) e também em Martim Afonso de Sousa (1989).

³⁰ MEIEMBIPE: de origem indígena é como os índios se referiam a ilha de Florianópolis. Porção de terra após o grande rio na linguagem indígena.

2 CAPÍTULO

AS CIDADES E A SUA SUPERAÇÃO HISTÓRICA

2.1 PARANAGUÁ

Mais adiante o terreno se torna irregular, com matas e pastos se alternando agradavelmente, sendo as primeiras, em sua maior parte, compostas quase que exclusivamente de araucárias. Essas árvores, sempre muito juntas umas das outras, compõem massas verde-escuras e às vezes nascem também nos pastos. As suas copas mal se tocam, e o tom carregado de suas folhas contrasta fortemente com o verde-claro do capim que nasce embaixo delas. À nossa frente, avista-se no horizonte a Serra de Paranaguá, cujos cumes, de formas viradas, são cobertos de matas. A paisagem tem ali o aspecto austero e importante que a Natureza sempre apresenta nos sopés das montanhas (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 88).

Havia uma fazenda no caminho para Paranaguá que foi habitada pelos Jesuítas denominada Borda do Campo.

Na época da passagem de Saint-Hilaire ao Brasil, precisamente ao Estado do Paraná o mate ou congonha como era conhecido, era um produto importante para a exportação para a cidade de Curitiba. Árvore comum nas matas vizinhas da cidade, principalmente nas de Borda de Campo, provavelmente um motivo para o estabelecimento dos jesuítas na região.

A erva mate produzido nessa região era vendida por um alto preço para Buenos Aires e Montevideú.

Segundo o relato de Saint-Hilaire (1978) com todas as dificuldades para chegar ao Porto de Paranaguá há relatos que entre 1835 e 1836, o mesmo exportou 84.602 arrobas de mate produzidas provavelmente por toda a comarca avaliada em 169.204.000 réis.

Saint-Hilaire (1978) em sua viagem a Província de Curitiba relata que o trajeto para chegar a Paranaguá era difícil. Nesse local o caminho é coberto por grandes pedras e o seu declive é muito acentuado.

O caminho cavado na própria montanha, numa profundidade de quase 4 metros, com passagem estreita, tornando a viagem mais difícil.

O venerável bispo do Rio de Janeiro. José Caetano da Silva Coutinho, desejando visitar toda a sua imensa diocese, viu-se forçado a passar por essa estrada horrível. Alguns homens, provavelmente requisitados entre as ordenanças, receberam a incumbência de transportá-lo numa rede, revezando-se nesse trabalho. O bispo ouviu um de eles queixarem-se da sua carga em termos grandemente desrespeitosos (aquele desgraçado pesa muito); ele imediatamente fez parar a marcha e, sem uma única palavra de censura, passou a mão num bastão e desceu a pé o resto do caminho (Relato de D. José Caetano da Silva, "Segunda Viagem", vol.II).

O caminho pior é a descida, que tem o nome de encadeado, declive abrupto demais, os ramos das árvores se estendem por sobre o caminho escavado na montanha, tornando-o sombrio, e o chão é forrado de pedras grandes escorregadias.

Caminho ruim, como todo o caminho o ar era pesado e o calor muito forte, mas local cercado de bananeiras que abrem suas largas folhas sobre as casas no Porto.

E entre 1816 e 1822 as primeiras habitações estavam próximo ao Porto, por ali passa o Rio de Cubatão. E para ir a Paranaguá, embarcava-se antigamente no Porto.

Na cidade denominada Morretes, hoje cidade histórica encravada aos pés da Serra do Mar. Que tem como base econômica o turismo, que já é uma atividade consolidada e um dos seus trajetos clássicos é a viagem ao litoral.

Seja pela estrada de ferro Curitiba - Morretes - Paranaguá, considerada por engenheiros do mundo inteiro como uma obra-prima, seja pela Estrada da Graciosa, construída durante o império e urbanizada por Airton Cornelsen na década de 1950, levando necessariamente o turista a Morretes.

A época da viagem de Saint-Hilaire era um arraial que se faziam os embarques. Pois o Porto tinha perdido sua primitiva finalidade, mas conservava ainda o nome que lhe dera a sua antiga função.

O primeiro lugar em todo o Brasil onde foi descoberta a presença do ouro foi o local onde se ergue atualmente a cidade de Paranaguá. Antes mesmo de 1578, alguns aventureiros paulistas encontraram terrenos auríferos nessa região e iniciaram a sua exploração. Parece, contudo, que suas pesquisas não tiveram grandes resultados, pois em 1613 foi proclamada como um fato totalmente novo a descoberta de minas em Paranaguá, e é bem pouco provável que essas minas tenham sido positivamente exploradas antes do início da construção da cidade, ou um pouco depois. Segundo Frei Gaspar da Madre de Deus foi Gabriel de Lara que lançou os fundamentos de Paranaguá, um pouco antes de 1653, Pizarro, porém afirma que ela foi fundada por Teodoro Ébano Pereira, oficial da marinha real. As minas de

Paranaguá produziram ouro durante certo tempo³¹, e, com efeito, sua produção deve ter sido considerável, pois o governo estabeleceu na cidade uma casa de fundição, a qual, segundo Casal, ainda existia em 1817 (SAINT-HILAIRE, 1978 p. 97).

Segundo Saint-Hilaire (1978) registra em sua passagem ao Brasil, que quando a Província de São Paulo foi dividida em duas comarcas, a do norte e a do sul, a cidade de Paranaguá foi escolhida para ser sede dessa última. Mas essa honra só lhe foi concedida até 1812, ocasião em que a residência do ouvidor foi transferida para Curitiba, que se tornou a verdadeira capital da Comarca.

E a cidade de Curitiba que desde então passou a ser a capital do Estado do Paraná. E, diga-se de passagem, muito bela.

O nome Paranaguá foi chamado pelos antigos habitantes do lugar, nome que na língua indígena significa Mar Pacífico, nome merecido, pois é perfeitamente resguardada³².

Grande Mar Redondo, na língua tupi-guarani. Era assim que os índios denominavam a formosa baía. E o povoamento do litoral do Paraná começou por volta de 1550, na ilha de Cotinga, servindo mais de ponto referencial no processo de investigação e buscas auríferas.

Desde 1554 já os santistas entretinham seu comércio marítimo com porto de Paranaguá, levando resgates de ferramentas, anzóis e fazendas que permutavam por algodão que os índios Carijós plantavam e colhiam e do Rio de Janeiro haveria também algum comércio.

Em 1646 a povoação de Paranaguá tornou-se Vila de Nossa Senhora do rocio de Paranaguá. E passa a ser cidade em 05 de fevereiro de 1842. E fato

³¹ Pizarro, Pedro Taques, Muller e Martius consideram Ébano como o fundador de Paranaguá, mas estão em desacordo quanto à data; os dois primeiros indicam o ano de 1648 e os outros, 1640. Se Teodoro Ébano Pereira tivesse fundado Paranaguá em 1648 é quase certo que ele logo se aventuraria a atravessar a Serra, e em 1654 já teria fundado uma segunda cidade, a de Curitiba; isso parece muito pouco provável. O fundador das duas cidades é designado pelo autor das "Memórias históricas" pelo nome de Teodoro Ébano Pereira; segundo Muller, o fundador de Curitiba teria o nome de Heliodoro Ébano Pereira, e o de Paranaguá simplesmente Heliodoro Pereira; o trabalho de Pedro Taques registra Leodoro Ébano Pereira. Finalmente, o Rei de Portugal, em carta escrita em 1651, diz que recebeu amostras das minhas descobertas nos arredores de Paranaguá por Teotônio dos Ébanos. Seria de grande importância fazer pesquisas nos arquivos da Comarca de Curitiba; talvez fossem encontrados ali documentos que dissipariam todas as dúvidas.

³² Parece claro que é a Baía de Paranaguá que figura sob o nome de Rio de Santo Antônio no valioso trabalho do velho Gabriel de Sousa, intitulado "Notícia do Brasil" (in Not. Ultram.", parte 1ª), assim como ela chama de Rio Alagado a Baía de Guaratuba, de que falarei mais tarde. Os primeiros navegadores julgavam tratar-se da foz dos rios as grandes extensões de água que eles viam avançar pela terra a dentro, e daí se originam os nomes de Rio de Janeiro e Rio do Espírito Santo, além dos que citei mais acima. Quando, porém, estabeleceram-se as colônias em Paranaguá e Guaratuba

marcante para Paranaguá foi à visita de Dom Pedro II em 1880, para o lançamento da pedra fundamental do edifício da Estação Ferroviária.

A estrada de ferro foi rapidamente construída e em 02 de fevereiro de 1885 foi inaugurada, motivo de grande orgulho até hoje na engenharia nacional. E em 1935 Paranaguá ganhou o Porto Dom Pedro II, que mudou o perfil econômico da região, sendo considerado o segundo maior em volume de exportações e o primeiro da América Latina em movimentação de grãos.

Conhecer Paranaguá é rever histórias passadas em seus casarões antigos e em um comércio ativo e produtivo com um grande fluxo de turistas.

Naquela época as casas eram bem cuidadas e chamavam atenção. O que chama atenção nas histórias é a importância dada aos templos da Igreja Católica. Tinham uma preocupação em colocá-las em um local atrativo. Os Jesuítas tinham em Paranaguá um convento na época da visita de Saint-Hilaire.

Em 1847 havia em Paranaguá dois professores e uma professora primária³³.

Na época o comércio de Paranaguá já contava com lojas bem abastecidas. E deixavam claro que se a serra fosse incrementada o comércio cresceria e muito. Não temos dúvida do fato acontecido hoje, com o grande fluxo de caminhoneiro rumo ao Porto.

À época de minha viagem entravam anualmente no Porto de Paranaguá cerca de cinquenta embarcações de pequeno calado; em 1836 o número dessas embarcações já se eleva a cento e trinta e quatro, entre as quais figuravam um barco dinamarquês, um francês, um português, um inglês, um uruguaio e um chileno. Em 1836 já partiam da cidade navios não somente destinados a esses lugares como também ao Chile e à costa da África (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 100).

Saint-Hilaire (1978) comenta que certamente não havia visitado uma cidade tão bela desde a sua chegada no Brasil., mas também ressalta que o calor era imenso, quase que insuportável.

Saint-Hilaire (1978) também se queixou da falta de hospitalidade dos habitantes do litoral do Brasil.

Frente à tese de Saint-Hilaire (1978) pode-se historicamente – após um século e meio – dizer que sua tese não se materializou, já que hoje Paranaguá é um dos principais portos do país em exportação de grãos. Tem uma ligação rodoviária e

³³ “Discurso recitado pelo Marechal de Campo Manuel da Fonseca Lima e Silva na abertura da Assembleia Legislativa provincial”.

ferroviária de alta qualidade e estar totalmente interligada ao país por estas vias e ao mundo via marítimo. Isto cria uma condição econômica, social e urbanística de qualidade de vida e que consubstancia a negativa da tese supracitada.

2.2 CURITIBA

Curitiba é a capital do Paraná, um dos três Estados que compõem a Região Sul do Brasil. Sua fundação oficial data de 29 de março de 1633, quando foi criada a Câmara. A época da visita de Saint-Hilaire a Curitiba, os habitantes em sua maioria eram agricultores.

O nome de Curitiba dá-se à prodigiosa quantidade de araucárias que havia nos arredores na época da visita de Saint-Hilaire. Em guarani, “curi” significa pinho, e “tiba” reunião.

Os primeiros habitantes da região se tinham estabelecido inicialmente num lugar denominado agora Vila Velha, mais próxima da Serra de Paranaguá, onde tinham sido erguidas algumas casas. Não sei se a permanência nesse lugar trouxe algum inconveniente para os desbravadores, mas o fato é que eles não ficaram ali muito tempo. De acordo com uma velha lenda, a imagem de Nossa Senhora da Luz, aparecia todas as manhãs com os olhos voltados para o sítio onde hoje se ergue Curitiba. Os colonos de Vila Velha se mudaram para lá, e decidiram dar o título de vila à nova povoação, pouco se importando com os direitos e a autoridade do seu soberano. O governo acabou por compreender que era indispensável tirá-los da situação irregular em que eles se encontravam, no final do século XVII, Curitiba recebeu oficialmente o título de vila (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 70).

Depois de estabelecido o governo constitucional no Brasil, Curitiba foi honrada com o título de cidade. E 1820 Curitiba tinha uma forma quase circular com apenas duzentas e vinte casas. Ruas largas, algumas pavimentadas, e a praça pública ampla e coberta por um relvado.

Curitiba mostra-se tão deserta, no meio da semana, quanto à maioria das cidades do interior do Brasil. Pois quase todos os moradores são agricultores que só vem à cidade nos domingos e dias santos, trazidos pelo dever de assistir à missa.

Com essas palavras acima nem parece ser de Curitiba que estou falando. Uma cidade que não para, movimentada, ligada ao Brasil pela Br 116. Levando alimentos, grãos e tudo que precisamos para viver.

As ruas largas continuam, é uma beleza dirigir e trafegar. Um comércio com variedades invejáveis. Uma oferta de emprego abundantemente fluente. Com certeza não vivem mais da agricultura. E suas cidades metropolitanas ligadas cem

por cento a Capital, bela Curitiba.

Os vizinhos trabalham diariamente em Curitiba, tem um tráfego diário de carros e ônibus transportando as pessoas. Sua beleza é visível, uma cidade limpa com atrativos culturais, locais a disposição para um belo turismo.

A capital só para no dia do aniversário, natal e ano novo, nos demais dias fluem sem parar seu comércio e indústrias. Oferece um salário atrativo, e uma diversificação de atividades como renda.

E um fato é certo, a capital passa por transformações diárias, mudanças vistas e contempladas por seus moradores, visitantes e turistas. Mas claro que também tem problemas, mas é muito bela.

Em 1820 Curitiba era sitiada por casas simples, mas já havia lojas bem abastecidas. Hoje o centro conta com prédios magníficos, instalações atrativas, também mantém patrimônios antigos e históricos, como exemplo o Palácio Avenida, que desde 1929 embeleza a Avenida Luiz Xavier com a Travessa Oliveira Bello.

Uma das primeiras edificações de porte de Curitiba, construída entre 1927-29, tendo como empreendedor o comerciante Felix Menry. Essa Avenida a época dava espaço ao tráfego dos poucos veículos. Hoje do acesso ao lindo e movimentado calçadão da Rua XV.

Hoje o Palácio Avenida guarda as características originais da fachada, sendo locado pelo Banco HSBC. E desde 1991 mantiveram a tradição de som e luzes no Natal.

Curitiba podia, pois, ser considerada como a única cidade no interior que, a partir de São Paulo, mantinha contato frequente e direto com o litoral; em consequência, sua situação era extremamente favorável ao comércio e não há a menor dúvida de que ela se tornaria uma cidade muito florescente se a estrada que atravessa a Serra de Paranaguá não fosse tão acidentada. Com efeito, como veremos mais adiante, poucas estradas são tão horríveis como era essa à época de minha viagem (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 72).

Nem podia imaginar ou sonhar nosso ilustre visitante com uma cidade belíssima como se tornou a Capital Paranaense, Curitiba. E com acesso ágil ao porto de Paranaguá. Passando por entre a cidade inúmeros e ilustres visitantes, tal como o botânico August e de Saint-Hilaire.

Os produtos de exportação são os mesmos hoje; mas o volume amentou, forçosamente, tendo em vista o acentuado crescimento da população e a extensão cada vez maior das terras cultivadas.

Podemos entender claramente a preocupação em escoar a produção e a dificuldade da época encontrada. Mas hoje vivemos o momento de desenvolvimento rápido, e com a estrada de ferro tudo ficou mais fácil.

No ano de 1847, o Presidente da Província de Santa Catarina, Marechal de Campo Antero José Ferreira de Brito, diz em um discurso a Assembleia Legislativa que haviam completado estudos que ligaria Curitiba a cidade de Lajes Santa Catarina, mas um passo ao desenvolvimento.

Curitiba hoje tem acesso livre a dois pontos importantes do Estado de Santa Catarina. Um caminho leva as praias e a Capital catarinense, Florianópolis. E outro caminho leva a serra catarinense, e liga ao Estado vizinho do Rio Grande do Sul.

A Comarca de Curitiba contava, em 1813, com 36.104 habitantes. Na suposição de que Cananéia, Iguape e Lajes não tivessem sido desmembradas dela, essa população se elevaria em 1839 a 56.626 indivíduos, a saber: 42.890 para a comarca propriamente dita, tal como ela é hoje, 9.396 para o distrito Iguape, 1.627 para a Cananéia e 2.713 para Lajes (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 74).

Conforme resultado IBGE do ano de 2009, Curitiba contava com o número de população de 1.851.215 habitantes. Sendo uma cidade modelo em transporte para todo o Brasil. E com pontos turísticos belíssimos contando com as Cataratas do Iguaçu, na cidade de Foz do Iguaçu.

E na Cidade Industrial de Curitiba temos: a Refinaria da Petrobrás, a empresa da Lacta chocolates, Kraft Foods, a fábrica da Milli papel higiênico, Votoran cimentos, Volkswagen montadora de carro.

Segundo relatos do site da Prefeitura municipal de Curitiba no final do século XX o ciclo da erva mate e da madeira foram marcantes, também a chegada em massa dos imigrantes europeus e a construção da Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba. Como uma cidade planejada, a indústria se agregou ao cenário econômico, e agora Curitiba enfrenta o desafio de ser uma grande metrópole, renasce a cada dia.

Curitiba, Capital do Estado do Paraná, cidade Industrial, e está ligado ao país via ferroviária, rodoviária, e ao mundo via área.

2.3 SÃO FRANCISCO

Cabe a Manuel Lourenço de Andrade, natural de Lamego, Portugal, com amplos poderes concedidos pelo Marquês de Cascaes, acompanhado por seu genro, Luís Rodrigues Cavalinho, com grande número de casais portugueses, além da gente natural de São Vicente, por volta de 1658, se tornarem os primeiros habitantes da Ilha de São Francisco, trazendo consigo instrumentos para o cultivo da terra e para a exploração de minas de gado de variada espécie (PIAZZA, 1999, p. 508-509).

São Francisco é a mais antiga fundação, 1658, tendo como fundador Manoel Lourenço de Andrade que ali viveu até sua morte, em 1666. E colonizada por portugueses, São Francisco do Sul é a terceira cidade mais antiga do Brasil. Seu charme se deve ao casario em estilo colonial português que emoldura as estreitas ruelas do centro histórico, tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Cidade de uma beleza e cenário formado pela baía da Babitonga e pela Vila Glória na parte continental. Além da História, das tradições e do porto, São Francisco do Sul tem belíssimas praias.

São Francisco do Sul com 500 anos de História, que marca suas ruas, casas, igrejas, sambaquis, ruelas e becos. A Igreja Matriz Nossa Senhora da Graça, de 1699, foi construída por escravos, milicianos e pelo povo do lugar. Conta também com um Arquipélago da Baía da Babitonga, a duas milhas marítimas do centro de São Francisco do Sul, com acesso via embarcação.

São Francisco do Sul pertencia a Província de Santa Catarina, e outrora havia sido ocupada pelos índios Carijós.

Naquela época um espanhol chamado Hermano de Trijo, estabeleceu-se no Porto de São Francisco, com o beneplácito do Imperador Carlos V; entretanto, mal se tinham escoado dois anos a fome obrigou os novos colonos a renunciar às suas esperanças de fazer fortuna, e eles emigraram para o Paraguai. Mais tarde alguns paulistas, que tinham conhecimento da fertilidade da região, vieram fixar-se ali. Os Carijós juntaram-se aos forasteiros; a população do lugar aumentou rapidamente, e antes do ano de 1656 já havia sido construída uma igreja dedicada a Nossa Senhora da Graça na Ilha de São Francisco. A partir dessa época a ilha passou a depender do governo de Santa Catarina e até hoje sua situação continua a mesma (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 142).

A cidade de São Francisco, também chamada de Vila da Graça de São Francisco³⁴ possui um porto muito bonito. Construído em um local encantador. Ao longe se avista a grande cordilheira (Serra de Curitiba, Serra do Mar, Serra Geral),

³⁴ MILLET e Lopes de Moura dizem em seu útil dicionário impresso em 1845, que havia sido dado o título de cidade à vila de São Francisco; o presidente da província, entretanto, ainda lhe dá o nome de vila em seu relatório à Assembleia Legislativa de 1º de março de 1847.

com uma paisagem agradável.

São Francisco foi colonizado por portugueses, recebeu muitos escravos africanos, também habitaram ali franceses, os quais deram uma característica cultural muito diversificada.

Em 1820 a cidade contava com cerca de 80 casas, ruas largas e retas, algumas descem em direção ao mar. No centro da cidade há uma grande praça aonde foi construída a Igreja paroquial, grande e espaçosa que tomava a atenção de qualquer pessoa que por ali passasse.

A água de São Francisco é muito boa, conforme o relato de Saint-Hilaire ao redor da cidade havia várias nascentes. E em 1820 os comerciantes se abasteciam no Rio de Janeiro.

Infelizmente, a escassa atividade agrícola existente na região torna o comércio de exportação muito difícil. Durante um de meus passeios, visitei o sítio de um homem que parecia ser um dos principais comerciantes da ilha. Proprietário de um barco, ele o usava para ir vender no Rio de Janeiro os produtos locais; queixava-se, porém, da extrema dificuldade que encontrava para fazer os seus carregamentos, sendo sempre forçado a andar peças fazendas e sítios à procura de algo para comprar, no mais das vezes sem resultado³⁵ (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 143).

As terras de São Francisco em 1820 eram consideradas de qualidades inferiores às dos distritos que ficam no continente, devido ao fato de serem feitos os plantios seguidas vezes.

E em 1820 a economia de São Francisco do Sul vinha da agricultura, motivo o qual permaneceu pobre, pois os agricultores tinham poucas posses e não podiam comprar negros para aumentar o número de escravos.

Alimentavam-se de farinha de mandioca e de peixe cozido na água, e ninguém fazia o menor esforço para obter outro tipo de comida. Muitas vezes não se davam ao trabalho nem de ir pescar.

Em 1820 os agricultores plantavam mandioca, arroz para a exportação, milho, cana de açúcar e bananas para o consumo próprio.

³⁵ Léonce Aubé diz “que a pequena Vila de São Francisco fez, de uns anos para cá, um progresso muito rápido” (“Not.”). Mas, pelo que ele acrescenta em suas “Observations” sobre a situação geral da província, é evidente que o progresso a que ele se refere é relativo e, na verdade, insignificante, já que não se observam ali os melhoramentos havidos nos outros distritos. Esse fato é, de resto, confirmado por Torrezão, que num artigo anexado ao trabalho de Aubé diz o seguinte: “A Vila de São Francisco é pobre e seus recursos de víveres são escassos (“Notice”). Essas palavras são igualmente confirmadas, de modo irrefutável, pelo conjunto de discursos pronunciados, nos últimos anos, na Assembleia Legislativa provincial pelo ilustre presidente da província, Antero José Ferreira de Brito.

Se o caminho de Três Barras estivesse todo aberto, o Distrito de São Francisco poderia usufruir, juntamente com o principal porto da Comarca de Curitiba, dos benefícios do comércio dos Campos Gerais, esses vastos campos são bastante férteis para que os seus produtos, divididos entre o porto de São Francisco e o de Paranaguá, possam contribuir para enriquecer todos os dias (SAINT-HILAIRE, 1978, p.149).

São Francisco do Sul é o quinto maior porto brasileiro em movimentação de contêineres. Mais de 70% da renda do município são geradas pela movimentação portuária, com destaque também para o turismo e o comércio.

São Francisco do Sul possui o principal Porto do Estado de grãos, avicultura, suinocultura, laticínios. Sendo um centro histórico no Estado, e está interligado ao país via ferroviária e rodoviária. E ao mundo via marítima.

Não deixando de destacar o turismo praieiro belíssimo, que atrai um grande número de turistas por ano. Dispondo de passeios turísticos pelo Porto de São Francisco do Sul e sua cidade histórica.

2.4 DESTERRO, ATUAL FLORIANÓPOLIS

No século XVI os portugueses chegam aqui e encontram os índios Tupi-guarani, a quem chamam de Carijós. Dóceis os Carijós recebem o homem branco com hospitalidade. Mas mais adiante começam adoecer e desaparecer vítima de doenças de um mundo civilizado, e alguns transformados em escravos.

Nessa época a Ilha era conhecida de Meimbipe, palavra de origem carijó. E em 1514 a armada comercial de Dom Nuno Manoel e Cristóvão de Aro passam por aqui e batizam o lugar de Ilha dos Patos.

Todos os relatos relacionados à Ilha de Santa Catarina são de uma hospitalidade costumeira, eram fiadores da boa amizade entre com os visitantes que ali passavam.

O navegante Solis foi o primeiro europeu a visitar a Ilha de Santa Catarina (1515). Cerca da dez anos depois, Sebastião Cabot, encarregado de capitanear alguns navios espanhóis, lançou âncoras nessa ilha, quando se dirigia ao Rio da Prata, sendo bem recebido pelos Carijós. No ano seguinte, o piloto português Diogo Garcia, que navegava por aquelas mesmas águas a serviço do rei da Espanha, aportou também a Santa Catarina. Os índios lhe ofereceram víveres, como tinham feito com todos os europeus que haviam passado por ali antes dele, mas queixaram-se amargamente da

ingratidão de Caboto, que, em recompensa pela acolhida que recebera, havia roubado os filhos de muitos deles (SAINT-HILAIRE, 1978 p. 119).

Sebastião Caboto no ano de 1526 naufraga. Ele desembarca e fica aqui durante quatro meses para reforma de uma de suas embarcações. Ergue uma pequena aldeia e muda o nome de Ilha dos Patos para Ilha de Santa Catarina. E se o nome foi uma homenagem a sua esposa Catarina Medrano ninguém o sabe. A denominação Ilha de Santa Catarina foi registrada pela primeira vez num mapa de 1529.

Em 1526 partia da Espanha a esquadra de Sebastião Caboto e em 19 de outubro, pela tarde, fundeava ao norte da “Ilha dos Patos” (Rio dos Patos foi o nome dado pelo padre Simão de Vasconcelos para a baía da ilha). Os espanhóis logo viram uma piroga cheia de índios que dava a entender haver cristãos em terra (LUZ, 2000, p. 23).

E novo nome, novos rumos, e é um paulista que toma para si a missão de povoar a Ilha. Até meados do século XVII a Ilha Catarina era coberta de densas florestas, sendo habitada apenas por índios da nação dos Carijós, que partilhavam suas terras com as onças e incontáveis bandos de veados.

Dos três navios com que se fez ao mar, dois, após acidentada travessia, chegaram a Santa Catarina em 1549, justamente a 25 de novembro, vindo encontrar o Juan Hernandes, que havia sido mandado do Paraguai para incentivar entre os nativos o cultivo da mandioca, a fim de abastecer a frota que se dirigiria para as terras meridionais (CABRAL, 1970, p. 28).

Francisco Dias Velho parte da vila de São Paulo, de onde eram naturais, a 18 de abril de 1662, acompanhado por pessoas de sua família, quinhentos indígenas domesticados e dois padres.

Desde meados de 1645, Francisco Dias conheceu e se interessou pela Ilha de Santa Catarina e datam de 1675 as tentativas dos seus filhos, os Dias Velho (Francisco, José e Manuel) para se estabelecerem nela. Na opinião do historiador catarinense Lucas Boiteux, foi Salvador Correia de Sá, quando em 1660 esteve na cidade de São Paulo a fim de apaziguar uma luta surgida entre paulistas e jesuítas, que animou Francisco Dias Velho a vir colonizar a Ilha de Santa Catarina, o que de fato fez em 1679, com sua família. Mas parece que o que trouxe os Dias Velho para o sul foi, primeiro, a procura de minas, e depois a decisão de Portugal de fundar uma colônia na margem oriental do grande rio platino. E é a Colônia do Sacramento que vai valorizar a posição estratégica da Ilha de Santa Catarina e dar início ao seu povoamento (LUZ, 2000, p. 34).

Dias Velho encontrou na Ilha apenas 20 moradores, mas teve uma ótima impressão, deixando escrito ter ela 20 léguas de perímetro, com ricas enseadas, praias e rios, fazendo juízo de que as terras existentes ali das melhores do Brasil. E nos arredores estabeleceram-se algumas áreas de agricultura e de pastoreio.

Finalmente coube a Francisco Dias Velho fixar-se na Ilha, fundando nela póvoa.

Francisco Dias Velho, paulista, de ilustre prosápia e que, na sua mocidade, acompanhara o pai em incursões feitas ao gentio dos Patos, recebeu-a. Havia sido ele Alcaide³⁶ e juiz ordinário na sua vila natal, onde se casou com Maria Pires Fernandes, da poderosa família dos Pires e de cujo matrimônio teve doze filhos. Em 1678, o paulista requereu ao Governador da Capitania duas léguas em quadro de terras na Ilha de Santa Catarina, onde já tinha Igreja de Nossa Senhora do Desterro e culturas, além de outras mais em terra firma, sendo assim provável que antes desta data, possivelmente em 1675, já tivesse fixado moradia na Ilha, para a qual se transferira com a família agregados e escravos, época em que teria dado início a todos aqueles que alegaram para obter a doação (CABRAL, 1970, p. 41)

Segundo relato de Cabral (1970) e Saint-Hilaire (1978), devido a tomada de uma embarcação em 1687. Homens de Dias Velho saquearam a embarcação, apreenderam os bens e confiscando para a fazenda. Dois anos depois os piratas voltam e dessa vez Dias Velho não teve a mesma sorte. Os piratas queimam e roubam casa. Dias Velho é morto dentro da igreja que ele mesmo construiu.

E a sua morte representa uma decadência a povoação que estava apenas começando. Com a tragédia anunciada suas filhas vão para São Paulo e seu filho José Pires Monteiro fica em Santa Catarina, transferindo-se para Laguna.

A Ilha de Santa Catarina³⁷ e parte da terra firma que dependia dela estavam incluídas na doação que o Rei de Portugal, João III tinha feito a Pero Lopes de Souza. Em 1711, essa região reverteu ao domínio da Coroa e o governo começou a se interessar por ela seriamente (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 121).

Em 1712 no relato de Frezier um explorador francês, militar e engenheiro, que passando por aqui relata: a Ilha era coberta de densa floresta, 147 habitantes

³⁶ ALCAIDE: Chefe guia prefeito. 1. Antigo governador de castelo ou de província. 2. Antigo oficial da justiça.

³⁷ “Segundo o historiador altamente recomendável (J.F. Fernandes Pinheiro, “Anais”, 2ª ed.), Dias Velho dedicou sua Igreja a Santa Catarina porque sua filha mais velha se chamava Catarina, e foi a partir de então que esse nome passou a designar a ilha toda”. Desnecessário é dizer que isso não pode ser verdade, pois já em 1540 Hans Staden faz referência à Ilha de Santa Catarina dando-lhe esse nome, e Vasconcelos também lhe dá essa mesma denominação em seu livro publicado em 1663; da mesma forma, Ferdinand Denis encontrou esse nome num mapa datado do ano 1554.

brancos, alguns indígenas e pretos, sendo na maioria portugueses que viviam pobremente, que viviam da troca do produto, não dando valor algum para o dinheiro.

Sabendo-se que os habitantes trocavam produtos que os navios traziam por terras, devido à pobreza, o corsário inglês Speedwell, comandado por George Shelvocke em 1714.

George Schelvocke, que aportou a Santa Catarina em 1719, confirma o que disse Frezier e elogia a maneira como recebido pelos habitantes do lugar mas acrescenta que se tratava de um bando de ladrões foragidos das províncias vizinhas³⁸. É bem possível que alguns criminosos, perseguidos pela justiça em sua terra, tenham procurado asilo em Santa Catarina, como fazem ainda hoje alguns bandidos, que vão de uma província a outra para escapar de um castigo merecido. Entretanto, se a afirmação de Schelvocke, tão generalizada, não fosse refutada pelos relatos de historiadores dignos de crédito, ela o seria de maneira bastante refutada pelo próprio navegante, pois diz ele que os habitantes de Santa Catarina mostraram grande honestidade nas transações que tiveram com ele e com seus companheiros de viagem, tratando a todos com grande cortesia. Os bandidos de resto, vivem de roubo, e onde poderiam eles realizar suas pilhagens, se viviam numa região desértica, em que os únicos habitantes eram eles próprios, além dos veados, onças e índios selvagens? (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 124).

Os habitantes da Ilha lhes forneceram: bois, porcos, peixes salgados, farinha de mandioca, favos e fumo, tudo em grande quantidade, além de água e lenha.

E em troca dos favores os homens de Shelvocke cometeram brutalidades. E receberam dos habitantes severos corretivos. Partindo conturbado e falando mal da hospitalidade.

Em 1722 Manoel Manso de Avelar relata em um documento que Laguna e Desterro não passavam de duas insignificantes e pobres povoações, abrigos de pescadores e nada mais.

Já no século XVIII, um longo período de escassez e marasmo, até que em 26 de março de 1726 o povoado de Santa Catarina é elevado à categoria de Vila, Vila de Nossa Senhora do Desterroa Silva Paes. Pelo primeiro governador da Capitania de Santa Catarina José

Em 1939, Portugal e Espanha começa a disputa pela posse território sul do Brasil. Portugal entende que é hora de proteger a Ilha de Santa Catarina. O Brigadeiro Silva Paes, engenheiro começa a construir um sofisticado sistema defensivo.

Sistema feito para evitar uma possível invasão na Ilha de Santa Catarina

³⁸ "Voyage of George Shelvocke in Harris Collection", I.

pelos espanhóis. E tinha também uma função político administrativo. Três fortalezas em uma posição triangular.

E Silva Paes entende que pra manter a segurança dos domínios portugueses no sul do Brasil é preciso formar um exército e aumentar a população. E o rei Dom João quinto de Portugal ordena o envio de quatro mil famílias do arquipélago dos açores.

Ainda em 1720 a Corte de Lisboa recebe solicitações das Câmaras das Ilhas dos Açores pedindo para migrarem para o Brasil, devido ao vulcanismo, à superpopulação e à pobreza que os afligia.

E em 1746, sob a promessa de transporte à conta da Fazenda Real, alimentação no primeiro ano, propriedade de um quarto de légua, ferramentas, sementes, animais de tração e de vacas para fornecimento de leite, além de armas para defesa pessoal, foi feito o alistamento da dos açorianos.

A sete de agosto de 1747 a Coroa contratou com Feliciano Velho Oldenberg, para transportar 1.000 pessoas da Ilha dos Açores para a Ilha de Santa Catarina. A viagem teve inicio em 21 de outubro daquele ano, chegando a 6 de janeiro de 1748, com 461 pessoas vivas.

Em 1777, o espanhol Dom Pedro Sevalhios desembarca aqui na praia de Canavieiras, e com Ele um exército de dose mil homens e muita munição. Para proteger a Ilha tínhamos apenas 1.500 homens, e como resultado a Ilha fica nas mãos dos espanhóis por 20 meses.

Queiram ou não Desterro era sempre lembrada, pois passavam com embarcações para abastecer, acabando por apreciar as belas paisagens, que se existem hoje, àquela época com certeza eram mais belas ainda.

Em 1778 Veiga Cabral recebeu das mãos do governador espanhol, Guilherme de Waughan, bem como todo o território ocupado em fevereiro do ano anterior, inteiramente desorganizado e com aspecto desolador, havendo destruição e ruínas, não tendo nem hospital.

A população vivia na indigência³⁹, a agricultura ia a decréscimo, mas algumas pessoas enriqueciam, obtendo por pouco preço, as terras, abandonadas pelos casais aos quais haviam sido distribuídas, dando ensejo à formação de latifúndios improdutivos. Entretanto, dizia Veiga Cabral, as condições naturais eram as melhores, as mais promissoras, em tudo favorecendo o esforço humano (CABRAL, 1970, p. 86).

³⁹ INDULGÊNCIA: 1. Qualidade de indulgente. 2. Clemência. 3. Condescendência, tolerância, etc.

A Ilha tornou-se escala obrigatória por fornecer mantimentos frescos, e água potável. Expedição de toda a natureza passava pela Ilha de Santa Catarina. Ilustres celebridades aqui passaram como o Barão de Krusenstern, em 1803, 20 de dezembro.

E como não citar Auguste de Saint-Hilaire, em 1820, naturalista que deslumbrou nosso país, deixando lindos relatos sobre o que vira aqui. Em um dos seus relatos destacou que “nada mais lindo do que os arredores da Santa Catarina” (CABRAL, 1970, p. 92).

Em 1826 a Ilha recebe a visita do Imperador Dom Pedro I, e sozinho percorreu as ruas da cidade causando estranheza às pessoas que o viam. E o século XIX foi seguido de grandes transformações e fatos que mudaram a rotina da cidade e que foram importantes para o seu desenvolvimento.

A começar pelo primeiro jornal da Ilha O Catharinense que foi lançado pro Jeronimo Coelho, que era contrário ao Imperador. É criado a Biblioteca Pública, ou como era chamado Gabinete da Leitura, o Mercado Público que foi entregue a população, Cia. Carris Urbanos conhecidos como o Bonde de Burro com três linhas principais.

Em 1837 as ruas da cidade ganham Iluminação Pública, com 80 lampiões com azeite de peixe. E em 1893 o Brasil já como República, tendo como presidente o Marechal Floriano Peixoto. O qual mudou o nome de Desterro para Florianópolis

No Rio Grande do Sul a todo vapor a Revolução Federalista contra as ideias de Floriano Peixoto, e a Ilha presencia prisões, ameaças, traições e muitas violências.

Ao encerrar-se o século XIX (1900), a capital de Santa Catarina já havia mudado o seu nome antigo, Desterro, para Florianópolis como uma homenagem ao marechal Floriano Peixoto. Mas seu aspecto físico ainda pouco havia mudado e os novos melhoramentos públicos como água, luz elétrica, esgoto, ainda não haviam chegado (LUZ, 2000, p. 356-357).

Em 1909 teve a rede de água encanada, após iluminação pública, ruas calçadas, esgoto feito ainda por método primitivo, os lixos eram atirado na praia, e o ensino em todo Estado ainda estava atrasado, usando métodos antigos como castigos corporais, número grandíssimo de analfabetos.

Já no século XX, Florianópolis cresce lentamente, economia baseada no

comércio e na administração pública. E na segunda dezena do século a cidade começa a passar para a modernidade.

E através dos passeios familiares e piqueniques a cidade começa a descobrir as praias e o interior da Ilha. Com a Ponte Hercílio Luz surge um vínculo muito forte e as pessoas começam a adquirir carros, pois podiam transitar.

Na segunda metade do século XX foi repleta de transformações, a criação das Universidades Federal e Estadual, rádios, jornais, tevês. E com tanta evolução precisavam de mais pontes.

Os anos 70 foi uma época drástica, dramática pra cidade, de muita demolição. Mas hoje Florianópolis é uma cidade sinônima de vida de qualidade de vida (Depoimentos dos historiadores: Sérgio Ferreira, Carlos Humberto Côrrea, Walter Piazza, Roberto Toner do Projeto Fortaleza multimídia, Eliane da Veiga-Arquiteta Urbanista).

A Vila do Desterro, por força da franquia de seu porto e da sua situação, no século XVIII foi aos poucos adquirindo os foros de capital de uma Capitania Subalterna, para onde eram mandados os Governadores e onde se faziam as concentrações de tropas e de povoadores que deveriam ser distribuídos ao longo da costa. Nela se instalaram as repartições fiscalizadoras e distribuidoras de justiça, as suas entradas e cercanias⁴⁰ foram fortificadas, para que a administração não pudesse ser abolida ou conturbada.

Uma segunda leva foi embarcada na Ilha Terceira, a 16 de outubro de 1748, e desembarcaram na Ilha de Santa Catarina, a 7 de janeiro de 1749, pelas galeras “Jesus, Maria, José, comandada por Luís Lopes Godelho e “São Domingos e Almas”, tendo por mestre Pedro Lopes Arraya, conduzindo 447 pessoas e, para completar o acertado com a Coroa Feliciano Velho Oldenberg, a 10 de outubro de 1749 fez partir de Lisboa a galera “Jesus, Maria, José”, a mando de Pedro Lopes Arraya, que arribou ao porto de Nossa Senhora do Desterro, a 20 de dezembro de 1749, com 233 pessoas vivas, o que totalizou 1.141 pessoas transportadas e cuja contra foi apresentada ao Tesoureiro do Conselho Ultramarino e paga (PIAZZA, 1999, p. 515).

Houve três momentos da cultura: a chegada dos açorianos alfabetizados e com formação profissional, a fixação de um colégio da Companhia de Jesus, na vila-capital, o surgimento da “aula” do Conselheiro José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello.

⁴⁰ CERCANIAS: Região situada em torno de uma povoação, cidade, etc.; arredores, proximidades, vizinhança, imediações.

Como resultantes desse povoamento lusitano poder-se-ão salientar, em primeiro lugar, a explosão demográfica e a consequente ocupação do vazio demográfico que era então o Brasil-Meridional. O açoriano marcou a vida agrícola, os costumes civis querem religiosas, as manifestações culturais de toda ordem. Aclimatando-se rapidamente trocaram a economia fechada, agrícola, pelo campeiríssimo, quer nas suas fazendas, quer nas tropeadas (PIAZZA, 1999, p. 521).

A religião sempre teve muito valor, pois atrás de uma fundação de vila, chegava a mil uma Igreja Católica, sabendo-se da influencia exercida, e também vem para satisfazer nobres até o povão.

Também encontraram aqui em Santa Catarina terras férteis para produção de gados e grãos. E um clima que favorecem as belas praias atraindo turista o ano todo.

A economia Catarinense é uma das mais importantes do Brasil – 4% das riquezas do país são produzidas pelo Estado, que possui apenas 1% do território nacional.

Esse pequeno território abriga uma impressionante diversidade de paisagens. Do litoral repleto de lindas praias à região serrana, única que neva todos os anos. Santa Catarina é uma sucessão de cartões-postais.

E por aqui já passaram desde a sua fundação ilustres visitantes para ajudar contar a história da formação do Estado de Santa Catarina. Um Estado com lindas paisagens, raças distintas, credos, a acima de tudo ilustres moradores naturais do Estado ou que aqui chegaram e tomaram para si esse local para fazerem parte da história.

O Mercado Comum do Sul –MERCOSUL- foi formado pela Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, através do Tratado de Assunção, em 26 de maio de 1991, com a responsabilidade de adesão de outros países da América do sul. A posição de Santa Catarina tornou-se estratégica tanto geográfica como economicamente com a criação do MERCOSUL (PIAZZA; HUBENER, 2001, p. 254).

Os novos rumos da realidade catarinense começam a surgir, e a partir de 1945 três temas tomam a importância: Planejamento governamental, estruturação educacional e rodoviário.

No Planejamento Governamental Santa Catarina foi um dos Estados pioneiros na implantação. E veio a integração com a BR 116, permitindo acesso aos

Estados vizinhos de Paraná e o Rio Grande do Sul. Mais tarde veio a BR 101 ligando o litoral ao Brasil.

Temos um sistema Portuário nos seus 561,4 quilômetros de litoral, abrigando três Portos importantes. O sistema ferroviário e aeroviário tendo grande acesso. O sistema de comunicação abrange todo o território catarinense permitindo contato com parte do mundo.

A energia elétrica atende áreas residenciais, comerciais e industriais, nas zonas rurais e urbanas. E na educação contamos com a Educação Infantil até Universidade Federal. O Estado de Santa Catarina procura integrar-se na economia brasileira

Piazza e Hubener (1999) declaram que diversos visitantes descrevem o abandono e a precariedade encontrados aqui em suas viagens. “... “Basta meia hora para ver toda a cidade”; São descrições que se completam e de certa forma, nos dão uma visão de como era a vida catarinense.

O Estado destaca-se também pela qualidade de vida. Os melhores índices nacionais de renda, educação e longevidade estão aqui. Nenhum desses atributos é mais fascinante, contudo, do que o verdadeiro caldeirão de culturas e influencias de onde floresceu o povo catarinense.

A Ilha de Santa Catarina é um desses lugares cuja imagem é difícil de esquecer. A impressão que se tem, ao atravessar o canal que separa a Ilha do Continente, é que as montanhas, com seu contorno emoldurado por um céu infinito que desemboca no oceano, envolvendo as baías, lagoas, dunas, mangues e a cidade, definitivamente, sempre estiveram lá (LIMA, 2007 p. 9).

Hoje continuamos escrevendo a história do Estado de Santa Catarina. A antiga Desterro, hoje Florianópolis, avança da condição de vila para capital da província e hoje capital do Estado de Santa Catarina. Esta condição – por si só – cria as possibilidades de desenvolvimento e urbanismo capaz de produzir qualidade de vida. Todavia, Desterro/Florianópolis, hoje está interligada por rodovias a todo país e via aérea ao mundo como um todo. Esta condição é possibilitada pelo aeroporto internacional Hercílio Luz. A Cidade possui Universidade Federal e Estadual, além de outras universidades privadas – num total de 18. Florianópolis hoje é um centro turístico importante no país e conquista espaço internacional. A partir dos anos 2004 torna-se um point nacional e internacional de lazer, eventos e

pesquisas científicas. Na cidade, hoje, está um dos maiores polos de pesquisa e produção de conhecimentos na área da tecnologia/informática. Tudo isto nega a tese do autor em pauta.

2.5 LAGUNA

Foram os Tapuias⁴¹ que habitaram primitivamente a região onde hoje se situa Laguna. Essa cidade que originalmente se chamava de Alagoas, nome que ainda conserva em 1712, é a mais antiga da Província de Santa Catarina e por muito tempo a mais famosa. Domingo de Brito Peixoto, natural de São Vicente, partiu em meados do século XVI na direção dos seus, acompanhado de seus filhos, Francisco e Sebastião, e fundou uma colônia no local onde hoje se ergue a cidade de Laguna (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 197).

De ponto de vista estratégico para navegação o roteiro turístico cultural com seus 337 anos de fundação, Laguna tem muita história para contar, que começou com o povo pré-histórico, colonização açoriana e resultou num belo conjunto arquitetônico tombado pelo patrimônio nacional, belas praias, um dos maiores sítios arqueológicos de sambaquis da América e diversas peculiaridades de uma cidade que se transformou em roteiro histórico cultural.

Laguna era o principal ponto do comércio dos escravos em 1631, segundo Oswaldo Cabral em seu relato (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 37).

A história de Laguna começou há seis mil anos com os primeiros registros de comunidades pré-históricas, os sambaquis⁴², chamado pescador-coletores, formações elevadas compostas de conchas, ossos, restos de fogueiras e artefatos, alguns com 35 metros de altura. Eram hábeis pescadores e mergulhadores de águas profundas, navegavam de canoa e chegavam a capturar golfinhos e arraias. Gerações de famílias viveram nos sambaquis, que em tupi guarani quer dizer amontado de conchas.

O povo dos sambaquis, de acordo com estudos, teve contato com os xoclengues⁴³ e carijós⁴⁴ vindo do oeste, e absorveu a cultura de outras tribos. Os índios se adaptaram a região devido à proximidade com a lagoa, uma fonte de alimentos.

⁴¹ TAPUIAS: Designação dada pelos tupis aos índios inimigos; nome dado em geral ao índio bravo.

⁴² SAMBAQUIS: Nome indígena dado a depósitos antiquíssimos, constituídos de montões de conchas, restos de cozinha e de esqueletos acumulados por tribos selvagens que habitaram o litoral americano em período pré-histórico.

⁴³ Xoclengue: Indivíduo dos xoclengues. * Xokleng, *Shokleng, povo indígena da família linguística jê, que habita o município de Ibirama.

⁴⁴ CARIJÓS: Indígena da tribo do Carijí.

De acordo com o levantamento do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (Iphan) o município conta com 43 sítios arqueológicos, de artefatos do povo sambaqui e dos guaranis.

Laguna nasceu em terras de disputa colonial. Durante os séculos XVII e XVIII, entre as metrópoles portuguesa e espanhola que resultaram do Tratado de Tordesilhas (1494). Desse conflito entre metrópoles, uma extensa colônia passava a se formar.

De 1500 a 1700, mas de 100mil portugueses se deslocaram para o Brasil-Colônia. Portugal temia invasões espanholas no Sul do Brasil, principalmente, em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, área estratégica para se chegar ao Rio da Prata.

O litoral permitia o abastecimento de água e alimentos às embarcações. Na disputa, a necessidade de alargar as fronteiras da colônia Brasil. Contudo, somente no século XIX, foram dados os primeiros passos para uma ocupação mais efetiva do território, com políticas de povoamento para o Sul.

No ano de 1684 Brito Peixoto e sua família chegou a Laguna. Com intenção de conquistar um vasto empreendimento e a fim de conquistar o sul arrebanhou gado e escravos nativos a procura de ouro e prata que diziam ser abundante.

Domingos de Brito morreu na Laguna, no século XVIII, em data que se ignora; e seu filho Sebastião foi morto no sertão, também em época imprecisa, tendo o derradeiro varão, Francisco, regressado a São Vicente, quando a povoação que ajudara a fundar já contava com cerca de 50 casais brancos, assistidos pelo seu vigário, gente que vivia da pesca e de uma agricultura rudimentar e cujas fontes econômicas reduziam-se aos proventos da exportação de peixe seco e carnes salgadas para Santos e Rio de Janeiro (CABRAL, 1970, p. 43).

Foi no ano de 1676, em 29 de julho, que o bandeirante vicentista Domingos de Brito Peixoto chegou a Laguna. Por ser devoto de Santo Antônio, o bandeirante batizou o lugar de Santo Antônio dos Anjos de Laguna. A primeira providência foi à construção de uma capelinha, construída de pau e pique, mesmo local da atual. Poucos moradores fixaram residências na localidade neste período.

Segundo o historiador Antônio Carlos Marega, Laguna foi colonizada em duas etapas: a primeira, no século XVIII, meados de 1740, desbravou a região costeira da Lagoa de Santo Antônio dos Anjos, região que vai do Bananal até a Madre, passando por Ribeirão Pequeno. Esses primeiros colonizadores, conhecidos como

portugueses dos açores, procuram habitar o local em busca da pesca e do solo produtivo.

Foi em 1714 que o Governador D. Francisco de Távora elevou Laguna à categoria de Vila, e, no ano seguinte, conseguiu fazer regressar a ela um dos fundadores, Francisco de Brito Peixoto, que se encontrava retirado em Santos.

Já na segunda etapa da colonização, na primeira metade do século XIX, com o crescimento do porto, os chamados Portugueses do Continente, trouxeram o desenvolvimento econômico para a cidade. “Foram eles que injetaram dinheiro local, formado a cadeia genealógica (famílias tradicionais) e a cultura lagunense”, acrescenta o historiador.

Foi o porto de Laguna que veria em 1839 transformar a pacata vila em cenário revolucionário. A República Rio Grandense fundada pelos farroupilhas precisa prosperar e para isso necessitava chegar até o mar. Os imperialistas controlavam os portos e rios do estado vizinho. Com apoio do italiano Giuseppe Garibaldi montaram uma manobra para surpreender os imperialistas através da lagoa Santo Antônio, entrando pela lagoa Garopaba do Sul e barra do Camacho e seguindo pelo rio Tubarão.

Entre os anos de 1748 e 1756, vieram os imigrantes açorianos, incentivados pela Coroa Portuguesa com a intenção de impulsionar as vilas litorâneas do sul do Brasil com aumento populacional. Isto provoca uma grande modificação nos usos e costumes da Vila, maior desenvolvimento da agricultura e dos moinhos de farinha de mandioca.

Os açorianos ao chegarem adaptaram-se a nova vida. Modificaram alguns de seus hábitos, entre eles os alimentares. Substituíram a farinha de trigo, base da alimentação, pela farinha de mandioca e a carne pelo peixe. O peixe era salgado para o consumo ou exportação. Até o início do século XIX a economia continuou sendo de subsistência. Existência do porto como fator preponderante ao desenvolvimento de Laguna.

Laguna em 1847, por Decreto Imperial, foi elevada a categoria de cidade.

Vila Nova, também chamada Santa Ana da Laguna, sede de uma paróquia pertencente ao Distrito de Laguna, é um lugarejo situado a poucos passos do mar, ao pé de um morro coberto de matas. Compõe-se de uma igreja muito modesta e desprovida de um campanário, e de um punhado de casas construídas, em sua maioria, ao redor de uma praça coberta de relva. Pertencendo a agricultores das redondezas, essas casas, como ocorre com

as dos pequenos povoados do interior, só são habitadas aos domingos. Durante a semana a vila fica deserta (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 194).

Não tem como deixar de notar o fato de que todas as cidades tinham em seu centro uma Igreja. E a ideia de que quando desbravaram o Brasil trouxeram consigo os jesuítas para catequizar os índios. Tem-se a impressão que a Igreja posta em primeira à população torna-se dependente e obedece.

No início a cidade de Laguna pertencia à Província de São Paulo. E mais tarde, reconheceu-se quão mais favorável era a localização de Desterro, do que a de Laguna, e esta perdeu a sua supremacia.

Laguna em 1839 foi tomada, sem a menor resistência pelos rebeldes do Rio Grande do sul. Lembrando que na ocasião ocorria a Revolução Farroupilha.

Segundo Auguste de Saint-Hilaire, em sua passagem por Laguna havia em todo o Distrito cerca de 9.000 habitantes, em sua maioria branca. Alguns mestiços de índios e portugueses ou de índios e negros. Os mulatos eram pouco numerosos.

A lagoa denominada Laguna, à beira da qual fica situada a cidade do mesmo nome, foi talvez assim chamada por ter sido considerada provavelmente a maior lagoa da região – a lagoa por excelência – ou então porque os primeiros colonos se habituaram simplesmente a se referir a ela como a “lagoa” por não conhecerem outras. (SAINT-HILAIRE, 1978 p. 199).

Laguna tinha em suas terras florestas exuberantes e produzia principalmente mandioca, arroz, feijão, milho, favas e um pouco de trigo.

Van Lede e Milliet e Lopes de Moura dizem que a cultura do trigo foi inteiramente abandonada em Laguna depois que os anglo-americanos começaram a vender farinha no Brasil a preço muito baixo (“Colonisation”. – “Dicion”,II).

A cidade de Laguna forma um quadrilátero cujo lado mais longo é paralelo à lagoa. Suas ruas pouco numerosas são em sua maioria bastante retas e não muito largas. Não são calçadas, não se vê lama nelas porque o solo é composto de uma mistura de areia, terra preta. As casas são feitas de pedra e cobertas de telhas; a maior parte só tem um pavimento. Só existe uma igreja em Laguna. A água é muito boa, vem da montanha. Há uma pequena praça triangular, coberta de relva (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 200).

A visão do porto de Laguna era menos interessante do que se pode apreciar em Santa Catarina ou mesmo em São Francisco. E a grande quantidade de produtos fornecidos pelos arredores de Laguna tornava intenso o movimento comercial.

Segundo Saint-Hilaire (1978, p. 201) em sua passada por Laguna comentou que o comércio poderia desenvolver-se extraordinariamente se a entrada da Lagoa não apresentasse tantas dificuldades à navegação.

E à medida que Laguna se transformou histórica (Patrimônio Nacional), e após a Revolução Farroupilha, Turismo Histórico, Turismo Praiano. Porto pesqueiro (Santa Catarina é o maior produtor do país). Não tem como não comentar tal ideia, pois uma cidade que tem o maior Porto pesqueiro do país com certeza tem um comércio ativo e economicamente produtivo. Além das mais suas belas praias e o turismo atraem pessoas por si só. E o Centro Histórico também por ser Patrimônio Nacional.

Também há registros da vinda dos imigrantes europeus (italianos e alemães) para Laguna. Os imigrantes chegavam pelo porto de Laguna, ficavam na beira da praia, nos trapiches⁴⁵, esperando embarcações e seguiam para o interior. No começo era pelas lagoas e rios e mais tarde através da estrada de ferro Dona Tereza Cristina (iniciada sua construção em 1880 e aberta ao tráfego em 1884).

Na segunda metade do século XIX, Laguna assumiu a 4ª posição no estado quanto à movimentação portuária, juntamente com a exploração do carvão.

E o comércio de representações aliado às indústrias da região enriquece ainda mais as companhias de navegação, lucrando também no transporte. Os comerciantes desfrutaram de uma boa situação econômica possibilitando melhores condições de vida a toda população.

Este período constituiu a época áurea de Laguna. Algumas construções do Centro Histórico testemunham até hoje a riqueza vivida nestes anos. Parte da geração desta época está registrada, hoje, nas ruas de Laguna, através dos nomes de ruas, como: Conselheiro Jerônimo Coelho, Raulino Horn, Oswaldo Cabral, Tenente Bessa, entre outros.

A implantação das edificações nos lotes urbanos foi aos poucos se modificando. As casas térreas e os sobrados passaram a conviver com novas edificações, agora no estilo eclético.

A princípio eram os porões altos no alinhamento dos lotes. Mais tarde são os recuos laterais, possibilitando os acessos através de escadas junto aos jardins, cada vez maiores e mais imponentes.

⁴⁵ TRAPICHES: Armazém onde se guarda mercadoria importadas ou para exportar.

O espaço urbano conseqüentemente alterou-se significativamente e passou a incorporar vazios entre as edificações, que antes formavam uma superfície contínua com as fachadas das casas. As construções ecléticas foram locadas principalmente na parte mais central do Centro Histórico. A maioria construída para uso residencial.

Foi na virada do século, pelo enriquecimento natural da população, que Laguna testemunhou o desenvolvimento urbano e intelectual mais significativo desde a sua fundação.

Surgiram nesta época o teatro Sete de Setembro (1858), a tipografia do primeiro jornal (1878), o hospital (1879), o primeiro hotel na Rua da Praia, o Cine Central, a iluminação pública a petróleo (1891) e o antigo Mercado Público (1893). Este último, incendiado na primeira metade do século XX.

Entre 1914 e 1915 organizaram o Jardim Calheiros da Graça com chafariz, palmeiras e iluminação. Inaugurado em 25 de abril de 1915. Inaugura-se a Biblioteca Pública em 1925, e também o prédio do Banco Nacional do Comércio.

E entre os anos de 1930 a 1950 aconteceram grandes transformações. Surge o primeiro automóvel, ônibus urbano e ruas calçadas.

No período de 1930 a 1940 edificam-se as sedes do Clube Blodin (hoje Casa do Patrimônio do Iphan), e a nova sede do Clube do Congresso Lagunense. Retratos da intensa vida social que o lagunenses desfrutava.

Laguna perde competitividade após a 2ª Guerra Mundial com a organização do porto de Imbituba com melhor localização para receber navios maiores e de maior cabotagem. E a crise não foi maior devido à concentração de serviços comerciais, financeiros e públicos que Imbituba ainda não possuía.

No final da década de 50, Laguna decaiu economicamente pela diminuição da atividade portuária, pelo enfraquecimento do polo comercial, e fracasso na tentativa de industrialização.

Na década de 60, a construção civil praticamente paralisou. Outro fator determinante para o declínio foi transporte rodoviário. A construção da BR- 101 e abertura ao tráfego da ponte rodoviária da Cabeçuda deslocou o polo econômico da região sul de Laguna, para outros municípios, como por exemplo, Tubarão.

Permaneceram aqui somente produtos pesqueiros, pequenas indústrias, como confecções e o processamento da fécula de mandioca e arroz.

Mas na década de 70, a mesma abertura da BR-101 trouxe a possibilidade de uma nova atividade econômica. A exploração turística do Balneário do Mar Grosso,

bairro oposto ao Centro Histórico, impôs uma implantação urbana diferenciada dos outros bairros da cidade que se expandiram espontaneamente.

Essa mesma BR 101 hoje liga as praias belas de Santa Catarina com um movimento intenso, com um fluxo de carros diário. Proporcionando um giro na economia, empregos e diversas atividades para a população catarinense e do nosso país. E possibilitando acesso a cidade histórica de Laguna.

Com o crescimento do número de turistas de veraneio estilou o crescimento imobiliário na praia, e o centro histórico da cidade, famoso por sua história. E felizes em contar a história de Anita Garibaldi, heroína brasileira que lutou na Revolução Farroupilha e também na Unificação e Libertação da Itália.

Parte da cidade hoje tombada pelo patrimônio histórico, esta considerada por suas características e atributos o centro fundamental para a manutenção da identidade e da paisagem urbana tradicional do sítio histórico da cidade.

Com muita atrativa Laguna conta a história de Anita Garibaldi e o revolucionário Garibaldi, David Canabarro, Teixeira Nunes e soldados farroupilhas conquistaram a Vila, declarando a República Catarinense; uma tentativa de separar o Rio Grande do Sul e Santa Catarina do comando do Império. o monumento do Tratado está localizado ao lado da rodoviária no Centro Histórico; Praias, pontos turísticos, carnaval, pesca, golfinhos e muito mais atrativos.

Sem dúvidas um lugar hoje de emoções inesquecíveis, com uma história pra ser lembrado, um centro histórico pra ser visitado. Hoje Laguna oferece aos visitantes não apenas um passado, mas um presente como: Farol de Santa Marta construído em 1891 pelos franceses, com 29 m de altura e alcance de 92 km, proporcionando uma bela visão das praias.

No centro da cidade está a doca, locais onde pequenas embarcações e iates ancoram. E o Morro da Glória com seus 126m de altura é um dos pontos mais alto de Laguna.

O que dizer de uma cidade com tantos atrativos? Como tal seria esquecida com acontecimentos e fatos tão nobres?

Uma cidade que hospedou famílias açorianas que chegaram a Laguna em meados de 1749, sendo que logo outros colonizadores foram se instalando por essa região e em outros locais catarinenses.

Junto com eles trouxeram costumes que aos poucos incorporavam as novas terras. Trouxeram também consigo o trigo, o açúcar, o feijão, o linho e o cânhamo.

Criaram os engenhos de cana de e farinha movidos por animais. Vejo esse modelo de engenho exposto na saída da cidade de Palhoça.

Também trouxeram o comércio de peixe seco, agricultura, navegação e a pesca. E as mulheres trouxeram a tradição da Renda de Bilro e as festas religiosas como: A festa do Divino Espírito Santo, que iniciava na páscoa e terminava em Pentecostes.

Laguna completou 337 anos no dia 29 de julho de 2014 e 29 anos de Tombamento Histórico.

Com a colonização açoriana celebram a Festa de Santo Antônio dos Anjos, uma das mais famosas de Laguna, que acontece a cada 13 de junho, festa do padroeiro da cidade.

Laguna é referencia na história Catarinense, por aqui passaram o Tratado de Tordesilhas, firmado entre a Espanha e Portugal, acordo que dividiu as terras em 1494.

Laguna possui 70 mil habitantes, na sua grande maioria de origem açoriana. Por sua história, seus casarões antigos e monumentos foram tombados pelo Patrimônio Histórico Nacional.

Uma cidade com atrativos exuberantes, com uma história que a população viveu junto com sua moradora ilustre, Anita Garibaldi.

Pensando a respeito da história que Laguna tem, analisando um passado tão presente em nossos dias, fica fácil entender o porquê de Laguna ser um ponto turístico atrativo para os visitantes, e para nós amantes de uma bela história.

História essa que vivemos e trabalhamos, usando também entre tantas a bela história da cidade de Laguna para nossos alunos.

Laguna hoje é patrimônio histórico brasileiro, como cidade de linhas arquitetônicas portuguesas e esta condição a transforma em centro turístico e cria viabilidade econômica. Também é polo pesqueiro, possuindo o maior porto pesqueiro do país – já que Santa Catarina é o estado de maior produção de pescados – o que cria uma segunda fonte de renda substancial. Laguna é uma cidade que passa por um planejamento criterioso sobre tudo que passaria a existir: praças, ruas, logradouros, edificações e outros. Laguna está interligada por rodovia e ferrovia de qualidade com todo o país e via porto interligado com o mundo. Estas materialidades produzem uma condição urbana de vida e de desenvolvimento e cria possibilidades de negação da tese de Saint-Hilaire (1978).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para haver um desenvolvimento urbano teve que haver um aglomerado geográfico, sociológico, econômico e urbanístico. E por ocasião do descobrimento do Brasil esse desenvolvimento começou a ocorrer.

Segundo o francês Auguste de Saint-Hilaire (1978) essas cidades não se desenvolveriam devido ao difícil acesso, não conseguindo escoar sua produção e com isso sofreriam as consequências deixando a economia cair.

Mas com o passar do tempo as próprias civilizações, e as cidades de Paranaguá e Curitiba no Estado do Paraná, São Francisco do Sul, Laguna e Desterro atual Florianópolis, no Estado de Santa Catarina conseguiram mudar sua história.

Paranaguá no Estado do Paraná tem em sua função principal a de porto escoador da produção do Estado que o interliga a todas as demais regiões, bem como a outros estados e ainda ao exterior.

Criando uma situação de vida econômica sustentável, tornando-a uma cidade turística e atrativa o ano todo. E como os próprios moradores denominam a cidade como tranquilidade, possui grande capacidade turística e infraestrutura, sendo o Berço da Civilização do Estado do Paraná. Seu patrimônio Natural e Cultural é de grande riqueza, além do Porto D. Pedro II, um dos mais importantes da Costa Brasileira.

Curitiba com as dificuldades encontradas no início para escoar a produção, hoje se tornou a capital do Estado do Paraná, bela e de um desenvolvimento magnífico, atraindo para lá pessoas de todo o Brasil e do exterior também.

São 311 anos de história para contar sobre esta cidade, considerada modelo de planejamento urbano e qualidade de vida. Hoje Curitiba é uma cidade moderna, com uma economia baseada na existência de indústrias de transformação e beneficiamento, comércio, turismo e prestação de serviços. É uma cidade que vem desenvolvendo projetos com objetivos de uma maior e completa integração e humanização da mesma.

São Francisco do sul, a cidade mais antiga do Estado de Santa Catarina. Sua

arquitetura original, preservada em cerca de 400 edificações tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), é resquício da colonização portuguesa. São casarões de distintas cores, justapostos uns aos outros, com grandes portas e janelas.

Além de ter um centro histórico belo conta com lindas praias e atrativas ao seu redor e com isso atrai inúmeras pessoas anualmente.

Laguna uma cidade histórica, funcionou como ponto de apoio para a conquista do atual Rio Grande do Sul. Além dos museus e prédios que relembram o passado glorioso, a cidade tem ainda três lagoas que deram origem ao nome da cidade.

Laguna é uma cidade Histórica muito procurada o ano todo; no verão, por suas praias e pelo carnaval na qual a folia toma conta das ruas, fazendo da cidade uma das mais agitadas e procuradas no Litoral Catarinense, no inverno pela “TOMADA DE LAGUNA”, perfazendo a história de Anita Garibaldi de sua infância até sua morte, batalha e proclamação de República Juliana, seu encontro com Giuseppe Garibaldi e finalmente sua partida.

Florianópolis, bela capital do Estado de Santa Catarina, é conhecida como Ilha da Magia, é linda, sofisticada e única, atrai turistas brasileiros e estrangeiros vindos de várias partes do mundo para contemplar a exuberância das suas 100 praias, e dos históricos e monumentais pontos turísticos que fazem parte da sua beleza.

No centro fica concentrada a maior parte da infraestrutura e pontos turísticos não naturais da cidade de Florianópolis. Hotéis, bares, restaurantes, antigas casas açorianas tombadas como Patrimônio Histórico, o grande Mercado Público construído em 1898, praças, museus e teatros que contam a história da ilha.

A Ponte Hercílio Luz construída em 1926 para fazer a ligação entre a ilha e o continente, é o cartão postal da cidade; gigantesca e maravilhosa, sua estrutura encanta tanto de dia quanto de noite.

Florianópolis é um centro de turismo internacional, que une conforto e luxo com muita natureza e lindas praias. Por tudo o que a cidade tem a oferecer, o número de turistas que visitam a capital catarinense, só vem crescendo a cada ano, um bom sinal de que aqui as férias valem à pena.

É sem sombra de dúvida uma bela cidade, oferecendo as demais cidades do Estado saúde, educação e turismo, ligado a dois Estados, Paraná e Rio Grande do

Sul. O autor Auguste de Saint-Hilaire dentro das condições históricas da época estabeleceu uma análise dentro da materialidade que existia. Como mudou sua tese não teve subsistência.

Devido ao desenvolvimento urbano, social, cultural e econômico, que as cidades supracitadas passaram, com a estrada de ferro e com o melhoramento nas vias terrestres, não restam dúvidas que o crescimento aconteceu.

Possibilitando a essas cidades o escoamento da sua produção, trazendo um aumento na economia local, estado e país. E tais cidades continuam desenvolvendo-se diariamente.

A mudança geopolítica, econômica do nordeste para o centro sul e, posteriormente, para o cone sul, fará com que as condições de infraestrutura se modifiquem substancialmente. Nestas, a interligação entre as cidades – objeto deste estudo- com as demais regiões do país e com o mundo se ampliaram, em pouco mais de um século. Este quadro histórico fará com que a tese de Auguste de Saint-Hilaire não sobrevivesse ao tempo e a história.

REFERÊNCIAS

AUGUSTIN-FRANÇOIS-CÉSAR Prouvençal de Saint-Hilaire, *dito* Anguste de Saint-Hilaire. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/AugusteS.html>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

AURÉLIO. **Dicionário do Aurélio**. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário Da Língua Portuguesa**. Editora Maria Cecília Mendes de Almeida, 1989.

CABRAL, Oswaldo R. **História De Santa Catarina**. 2. ed. Florianópolis: Editora Laudes, 1970.

COSTA, Sandro da Silveira. **Santa Catarina**. Florianópolis: Postmix, 2011.

DICIO. **Dicionário online de português**. Disponível de: <<http://www.dicio.com.br/povoado/>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Barsa Planeta Internacional Ltda. 2001.

DUARTE, Marcos. **Estatística**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/matematica/estatistica>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

ECOVIAGEM. **Morretes**: cidade graciosa. Disponível em: <<http://ecoviagem.uol.com.br/brasil/parana/morretes/>>. Acesso em: 16 ago. 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio**: Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIORI, Neide Almeida; LUNARDON, Ivone Regina. **Santa Catarina De Todas As Gentes**. Curitiba: Base Editora, 2005.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **Agricultura de Subsistência**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/agricultura-subsistencia.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

GUIA GEOGRÁFICO CURITIBA. **História de Curitiba**. Disponível em: <<http://www.curitiba-parana.net/historia.htm>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

GUIA GEOGRÁFICO PARANÁ. **História**. Disponível em: <<http://www.guiageo-parana.com/historia.htm>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

ILLUMINATO, Rafael. **Conheça São Francisco do Sul, a cidade mais antiga de**

Santa Catarina. Disponível em:

<<http://viagem.uol.com.br/noticias/2012/03/22/conheca-sao-francisco-do-sul-a-cidade-mais-antiga-de-santa-catarina.htm#fotoNav=33>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

INFORMAL. **Dicionário Informal.** Disponível em:

<<http://www.dicionarioinformal.com.br/degradado/>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

LAGUNA, Prefeitura de Laguna. **História.** Disponível em:

<<http://www.laguna.sc.gov.br/historia.php>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

LIMA, Débora. **Ilha De Santa Catarina.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.

LITORAL SANTA CATARINA. COM. **Características de Florianópolis.** Disponível em: <<http://www.litoraldesantacatarina.com/florianopolis/caracteristicas-de-florianopolis.php>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

LITORAL SANTA CATARINA. COM. **Características de Laguna.** Disponível em:

<<http://www.litoraldesantacatarina.com/laguna/cracteristicas-de-laguna.php>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

LUZ, Aujor Ávila Da. **Santa Catarina, Quatro Séculos De História.** Florianópolis: Editora Insular, 2000.

MICHAELIS. **Dicionário de Português On-line.** Disponível em:

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/roca%20_1038536.html>. Acesso em: 16 ago. 2014.

PARANAGUÁ, Prefeitura Municipal de Paranaguá. **História.** Disponível em:

<<http://www.paranagua.pr.gov.br/conteudo/a-cidade/historia>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

PEDRO, Jane Lúcia (Org.). **Apostila de História da 3ª Série Especial do Colégio Catarinense (Florianópolis/SC).** 2014.

PIAZZA, Walter F. **Portugal E Brasil O Povoamento Do Brasil Meridional E A Fixação Da Cultura Portuguesa.** Coimbra: Revista Portuguesa de História, 1999.

PIAZZA, Walter F.; HUBENER, Laura Machado. **Santa Catarina História Da Gente.** 5. ed. Florianópolis: Editora Lunardelli, 2001.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Evolução Urbana Do Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem A Curitiba E Província De Santa Catarina.** Belo Horizonte MG: Itatiaia Limitada, 1978. 9 v.

SANTOS, Michele Musskopf. **TCC Origem e Desenvolvimento.** 2014.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Nova História De Santa Catarina.** 5. ed. Florianópolis:

Editora da UFSC, 2004.

SÃO FRANCISCO DO SUL, Prefeitura Municipal de São Francisco do Sul. **História**. Disponível em: <<http://www.saofranciscodosul.sc.gov.br/c/historia>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

SCOTTINI, Alfredo. **Minidicionário Escolar**. Editora Eletrônica, 2009.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário De Conceitos Históricos**. Editora Contexto, 2013.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da *et al.* **História De São Paulo Colonial**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

